



Luiz Gonzaga Bertelli

BRASIL:

a realidade
que enfrentamos,
a educação
que desejamos

Coletânea de Artigos 2015/2016

RENOVAÇÃO E INOVAÇÃO PARA SUPERAR DESAFIOS.

IMPULSIONE A SUA EMPRESA COM ESTAGIÁRIOS E APRENDIZES DO CIEE.



Abrir vagas de estágio e aprendizagem é um investimento que traz excelentes resultados, especialmente no difícil cenário atual. Ao criar uma oportunidade para um jovem estudante, a empresa ganha, em pouco tempo, um profissional qualificado e adequado à moderna economia.

O estágio não cria vínculo empregatício de qualquer natureza.

Empresário: conte com o CIEE para o preenchimento das vagas de estágio e aprendizagem exigidas pela legislação.

TODOS OS SERVIÇOS DO CIEE SÃO GRATUITOS PARA OS ESTUDANTES.

www.ciee.org.br

 /oficial.ciee

Sede CIEE: Rua Tabapuã, 540 - Itaim Bibi
São Paulo/SP - CEP 04533-001
Tel.: (11) 3046-8211



ESTAGIÁRIOS e APRENDIZES

Luiz Gonzaga Bertelli

BRASIL:

**A REALIDADE QUE ENFRENTAMOS,
A EDUCAÇÃO QUE DESEJAMOS**

Coletânea de Artigos 2015/2016



CENTRO DE INTEGRAÇÃO EMPRESA-ESCOLA

Estagiários e Aprendizizes

São Paulo

2016

Projeto gráfico: Py Brasil Comunicação
Edição de Arte: Mauricio Oyama
Edição final e revisão: Jacyra Octaviano
Apoio: Raphael Fantauzzi e Tânia Moura

FICHA CATALOGRÁFICA

B459b BERTELLI, LUIZ GONZAGA

Brasil: a realidade que enfrentamos, a educação que desejamos: coletânea de artigos 2015-2016/Luiz Gonzaga Bertelli, São Paulo, Centro de Integração Empresa-Escola: CIEE, 2016.

135p.; il.

Coletânea de artigos publicados no jornal Diário de São Paulo, nos anos de 2015 e 2016.

1. Educação 2. Educação-Brasil 3. Coletânea artigos 2015/2016 4. Cenário educacional Brasileiro 5. Bertelli, Luiz Gonzaga I. Título

CDU: 37(81)

INTRODUÇÃO

Falar de educação não é fácil. Fazer educação também não. São lições e aprendizados contínuos que permeiam uma vida inteira aprendendo e passando conhecimento aos demais. O ensino exige mais que bons educadores, gestores e profissionais, demanda um comprometimento de longo prazo, uma vocação para um trabalho em que, nem sempre, é possível perceber os resultados de imediato. Por isso, plantar a semente nos jovens brasileiros e deixar um legado educacional promissor já pode ser considerada uma grande conquista.

Esta obra é uma experiência enriquecedora, mais que um simples livro que aborda o tema **Educação**, uma **Coletânea de artigos** publicados por Luiz Gonzaga Bertelli, *presidente do Conselho Diretor do CIEE Nacional, do Conselho de Administração do CIEE/SP e da Academia Paulista de História - APH*, no jornal *Diário de S. Paulo*. Um verdadeiro testemunho de uma vida dedicada ao ensino com análises de quem respira a educação diariamente.

Esses artigos veiculados nos anos de 2015 e 2016 tratam de assuntos corriqueiros e atuais que fazem parte do cotidiano dos jovens brasileiros. Temas como primeiro emprego, estágio, aprendizagem, mercado de trabalho, juventude, políticas públicas e educacionais, acessibilidade e profissões, entre tantos outros, compõem os pilares da educação brasileira e permitem um debate

profundo dos rumos que o Brasil e o ensino como um todo seguirão.

Esta rica coletânea traz a visão de Luiz Gonzaga Bertelli sobre o cenário educacional brasileiro, ideal para estudantes, educadores, pedagogos, professores, gestores e profissionais de diversas áreas que veem e necessitam da educação para preencher as lacunas que o mercado de trabalho brasileiro precisa.

Mais do que debater temas atuais e políticas educacionais, a obra propõe ao leitor uma reflexão sobre os rumos da educação no Brasil e da democratização do ensino, um exercício de cidadania.

Boa leitura!





Foto: Jeff Dias

Brasileiro convicto, **Luiz Gonzaga Bertelli** nasceu no município paulista de Dois Córregos/SP. É formado pela Faculdade Paulista de Direito da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, onde foi vice-presidente do Centro Acadêmico 22 de Agosto.

Jornalista e consultor de inúmeras renomadas empresas, também é diretor e Conselheiro da Fiesp-Ciesp e vice-presidente da Associação Comercial de São Paulo – ACSP, nas áreas de energia, combustíveis, agronegócio e meio ambiente, cujo trabalho é pioneiro nos estudos e implementação do Proálcool. Recebeu da Associação Comercial de São Paulo por sua notável contribuição e profissionalismo o Colar Carlos de Souza Nazareth.

É também vice-presidente Academia Paulista de Educação – APE, membro da Academia Cristã de Letras – ACL, Academia Paulista de Letras Jurídicas – APLJ e União dos Juristas Católicos.

Além disso, é membro do Instituto dos Advogados de São Paulo – IASP, tendo publicado inúmeros trabalhos no campo das ciências jurídicas.

Luiz Gonzaga Bertelli é atualmente presidente do Conselho Diretor do CIEE Nacional, do Conselho de Administração do CIEE/SP e da Academia Paulista de História - APH.

SUMÁRIO

| | |
|---------------------------------------|----|
| Mercado mais aberto | 16 |
| Prioridade das prioridades | 18 |
| Estágio e qualificação | 20 |
| Oportunidades ampliadas | 22 |
| Rumo à igualdade | 24 |
| Mais perto da escola | 26 |
| Realidade tecnológica | 28 |
| Professores descontentes | 30 |
| A vitória dos <i>nerds</i> | 32 |
| Inclusão essencial | 34 |
| O futuro do Brasil | 36 |
| Educação e economia | 38 |
| Lições de vida | 40 |
| Prioridade das prioridades | 42 |
| Carreira de sucesso | 44 |
| Experiência saudável | 46 |
| Moeda de ouro | 48 |
| Educação fiscal e cidadania | 50 |
| Educação em xeque | 52 |
| Pai herói | 54 |

| | |
|---|-----|
| Alfabetização e cidadania | 56 |
| Rica escolaridade | 58 |
| Internet todos os dias. | 60 |
| Em busca de qualificação | 62 |
| Senhores estagiários. | 64 |
| Receita para um futuro melhor | 66 |
| A vez da matemática | 70 |
| Consciência acima de tudo | 74 |
| Resistir é preciso. | 78 |
| A hora e a vez do jovem eleitor | 82 |
| Sonho empreendedor. | 88 |
| Conquista merecida. | 92 |
| Fuga das salas de aula | 94 |
| EaD ganha adeptos. | 98 |
| O início indispensável | 102 |
| Herança maldita | 104 |
| Dificuldades à vista | 106 |
| Um dia sem festa | 108 |
| Jovem trabalhador | 110 |
| Alertas do voto jovem | 114 |

SUMÁRIO

| | |
|-----------------------------------|-----|
| Novos rumos para a educação | 116 |
| Transição pacífica | 120 |
| Falência da educação | 122 |
| O fantasma do desemprego | 124 |
| Estágio nos autônomos | 126 |
| Legado para a juventude | 128 |
| A universidade e a pesquisa | 132 |
| Trajetória obrigatório | 134 |
| Acolhida a refugiados | 136 |
| Um sonho real | 138 |
| Raciocínio lógico | 140 |
| Contra o trabalho infantil | 144 |
| Jovens de cabeça feita | 146 |
| Fuga das universidades | 148 |



Artigos publicados no jornal
DIÁRIO DE SÃO PAULO

2015 - 2016

MERCADO MAIS ABERTO

Nos últimos anos, legislações específicas permitiram que mais pessoas com deficiência alcançassem o mercado de trabalho. Ainda existe resistência no mundo corporativo, como mostra pesquisa da Associação Brasileira de Recursos Humanos (ABRH), segundo a qual 81% das empresas contratam deficientes só para cumprir a lei e apenas 4% acreditam no potencial desse público. Mas esse quadro vem mudando aos poucos. Algumas das corporações que contrataram deficientes por exigência legal já notam resultados animadores como forte grau de comprometimento, companheirismo e vontade de aprender e crescer na empresa. Essa situação pode ser um dos reflexos do levantamento da Apae, que mostra o recorde na contratação de pessoas com deficiência intelectual em São Paulo, em 2014. Cerca de 20 companhias admitiram 300 pessoas no período, 25% a mais do total registrado em 2013. Em 80% dos casos, foram as empresas que procuraram candidatos.

Claro que a lei de cotas – que estabelece às empresas com cem ou mais funcionários a obrigatoriedade da contratação de 2% a 5% de postos de trabalho para deficientes – ajudou e muito no processo. Antes eram as entidades filantrópicas que tinham de

11 DE JANEIRO DE 2015

oferecer pessoas com deficiência às empresas e, na maioria das vezes, as respostas eram negativas. Para 46% das empresas entrevistadas pela ABRH, ainda falta qualificação para esse público. Com a intenção de amenizar o problema, o CIEE criou o Programa de Pessoas com Deficiência que visa capacitar jovens e adultos por meio de cursos de informática presencial, de educação à distância, de estágio e de aprendizagem. O programa facilita a entrada no mundo do trabalho. Esse é o caso de empresas conveniadas do CIEE como a Embraer, em São José dos Campos, e a Bauducco, em Guarulhos, que mantêm deficientes pelo Programa Aprendiz Legal – parceria do CIEE com a Fundação Roberto Marinho, que, por meio da prática na empresa e aulas teóricas de capacitação, forma jovens e adultos para o mercado de trabalho.

PRIORIDADE DAS PRIORIDADES

No discurso de posse de seu segundo mandato, a presidente Dilma Rousseff fez questão de reiterar que a prioridade do novo governo será a educação, citando um novo lema: Brasil, pátria educadora. Segundo disse, o lema “sinaliza para qual setor deve convergir o esforço de todas as áreas do governo”. A presidente afirmou ainda que “só a educação liberta um povo e lhe abre as portas de um futuro próspero”. Para lançar mão da prioridade das prioridades, nomeou um novo ministro da Educação, Cid Gomes, ex-governador de Ceará, que já reforçou a possibilidade de uma reforma severa no ensino médio.

Todos sabem da necessidade de uma educação de qualidade para alavancar o país rumo ao desenvolvimento. O discurso da presidente está alinhado com as demandas da sociedade. Do ponto de vista econômico, a educação é a base para que a nação se torne mais competitiva no mercado internacional, para que possa equilibrar a balança comercial e para que consiga melhorar a tão precária infraestrutura, facilitando a entrada de investimentos estrangeiros e, conseqüentemente, alavancando o crescimento econômico. Nas áreas sociais, a educação enfraquece a marginalização e cria mais

18 DE JANEIRO DE 2015

oportunidades de emprego às populações carentes, o que diminui o ciclo vicioso da violência, tão crescente nas grandes cidades.

Para atingir esse patamar, não basta apenas um discurso bonito e coerente. São necessárias ações efetivas que busquem a todo custo a melhora na qualidade de ensino, com recursos mais eficazes e transparentes, na direção de um sistema educacional eficiente. É fundamental investir no aprimoramento da gestão escolar, na infraestrutura e no controle mais rígido dos recursos alocados na área. A valorização dos profissionais de educação, incluindo diretores de escolas, secretários, orientadores e, principalmente, os professores, passam por planos de carreira, formação complementar e salários mais dignos. São metas fundamentais para que o Brasil dê os primeiros passos rumo a uma pátria educadora.

ESTÁGIO E QUALIFICAÇÃO

A empregabilidade dos jovens é um desafio em, praticamente, todos os países. As dificuldades provêm da falta de experiência e baixa qualificação para desempenhar funções no mercado de trabalho, frutos de uma educação deficiente que não privilegia a prática. Foi para preencher essa lacuna que o CIEE desenvolveu programas de estágio, juntamente com empresas e instituições de ensino, objetivando inserir o jovem no mundo do trabalho, após um período de treinamento prático. Hoje, o estágio é uma realidade em grande parte das organizações empresariais, órgãos públicos e entidades de Terceiro Setor. Além de complementar a formação profissional, assegura direitos aos estudantes, sem onerar as empresas com encargos trabalhistas. É, portanto, uma excelente opção para o aluno, para as empresas e para o país que, assim, passará a contar com capital humano mais bem qualificado.

Com a volta às aulas, os estudantes com 16 anos ou mais estão aptos a estagiar, conforme Lei do Estágio. Não importa se estão no ensino médio, técnico, tecnológico ou superior. Mas quanto mais cedo o jovem procurar o estágio, melhor será para a carreira. Pela capacitação prática, ele alinhará os conhecimentos teóricos aprendidos na

1 DE FEVEREIRO DE 2015

escola com situações reais, enriquecendo o currículo e aumentando o conhecimento. Além disso, atestar, na prática, se possui vocação para determinada profissão.

Quem cursa os últimos semestres também deve ficar atento à importância do estágio. Afinal, sair com o diploma na mão sem nenhuma experiência no mercado de trabalho pode causar uma dificuldade extra na hora de procurar emprego dentro da sua área de formação. Na verdade, há empresas que até preferem estudantes do penúltimo e último ano para estágio, aproveitando de sua experiência nos bancos escolares.

O cardápio, portanto, é vasto. Basta ter força de vontade e buscar o aprimoramento. Quem participa dos programas de estágio administrados pelo CIEE está dando um passo importante para assegurar uma carreira de sucesso.

OPORTUNIDADES AMPLIADAS

Historicamente, os estudantes encontram dificuldade para se inserir no mercado de trabalho, pela falta de experiência profissional ou mesmo pela formação deficiente. Para facilitar a entrada de jovens de 14 a 24 anos no mundo do trabalho e prepará-los com formação profissional adequada, o CIEE iniciou, em 2003, suas atividades na aprendizagem. Em 2007, firmou uma parceria com a Fundação Roberto Marinho para a criação do Aprendiz Legal. Hoje o programa atua na formação de jovens no país inteiro, com números que surpreendem: mais de 220 mil aprendizes foram capacitados nesses 12 anos de programa e, atualmente, 65 mil* atuam em empresas e órgãos públicos conveniados.

O programa consiste na contratação de jovens por até dois anos para atuação prática nas empresas. Uma vez por semana, eles participam de atividades teóricas ministradas por instrutores do CIEE, com material didático da Fundação Roberto Marinho.

Uma resolução recente do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) vai ampliar a possibilidade de oportunidades para os estudantes de pedagogia. O Departamento de Políticas Públicas de

8 DE FEVEREIRO DE 2015

Trabalho e Emprego para Juventude do MTE emitiu nota técnica (nº 648/2014/ CGPI/DPTEJ/SPPE/MTE) favorável à contratação de alunos do penúltimo e último ano de pedagogia como instrutores de aprendizagem. Com treinamento, eles vão ministrar aulas dos temas transversais – currículo de formação humanística e cidadã comum a todas as modalidades de aprendizagem e que compreendem ética, inclusão digital, empreendedorismo e protagonismo juvenil, entre outros. Essa decisão beneficia duplamente os futuros profissionais, pois propicia oportunidade de estágio remunerado aos estudantes de pedagogia e, paralelamente, continua assegurando aos aprendizes uma capacitação básica ministrada com modernas técnicas didáticas. Esse é mais um importante avanço na qualidade do Aprendiz Legal, programa que também auxilia as empresas de grande e médio porte a cumprir a Lei da Aprendizagem (10.097/2000) que determina a contratação de cota de aprendizes de acordo com o número de colaboradores.

*Atualmente, em 2016, são mais de 70 mil aprendizes que atuam em empresas e órgãos públicos conveniados.

RUMO À IGUALDADE

O acesso de pessoas carentes cresceu nas universidades nos últimos anos, segundo relatório do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgado recentemente. A participação dos 20% mais pobres da população subiu de 1,7% para 7,2% dos alunos do ensino superior, entre os anos de 2004 e 2013, um índice bastante considerável, enquanto a proporção dos 20% mais ricos da população diminuiu de 55% para 38,8%. Apesar da maior democratização da educação e da aparente redução na desigualdade em relação ao acesso da educação – causado principalmente pelos programas de financiamento estudantil como o Prouni e o Fies e pelo sistema de cotas –, os dados divulgados não abordam a qualidade de ensino, mostrando apenas avanços em caráter quantitativo. Com isso, ainda não se sabe o verdadeiro impacto social que a nova realidade pode trazer na prática para a vida das pessoas.

Apesar do aumento significativo, os indicadores ainda são baixos em relação aos países desenvolvidos e, até mesmo, de algumas nações emergentes como a Turquia (21%) e o México (24,1%). E o mais grave, segundo a pesquisa do IBGE, é que ainda existe uma parcela grande da população, entre 15 e 29 anos, fora da escola e

15 DE FEVEREIRO DE 2015

sem emprego, a chamada geração nem-nem (nem trabalham, nem estudam). Dos 49 milhões de indivíduos nessa faixa etária no país, cerca de 10% estão neste grupo.

Em época de falta de mão de obra qualificada, o estudo é um instrumento fundamental para a formação de uma geração preparada para o mercado de trabalho. O estágio e a aprendizagem, duas eficientes modalidades de capacitação profissional, ajudam a consolidar essa formação para jovens que não possuem experiência na carreira. Abrir o acesso ao curso superior pela população mais carente, sem dúvida, é dar a essa parcela da população mais dignidade, e abrir portas para um futuro promissor. Mas para isso, é imprescindível um ensino de qualidade para formar, além de profissionais preparados para o mercado de trabalho, cidadãos.

MAIS PERTO DA ESCOLA

Apesar de lei federal de 2009 determinar a matrícula nas escolas de ensino fundamental e médio para todas as crianças e jovens de 4 a 17 anos, as projeções da ONG Todos pela Educação, baseados em dados do IBGE, mostram que esses números não vem sendo cumpridos. E mais: os dados já estão comprometidos também para o ano letivo de 2016. O levantamento mais recente, de 2013, mostra que apenas 94% dessa população está nas escolas. Entre os jovens de 15 a 17 anos, a média cai para 83%. Parecem porcentagens altas, mas apontam para um universo de mais de dois milhões de crianças e jovens ainda fora do processo escolar.

O próprio ministro da Educação, Cid Gomes, ainda vê dificuldades na universalização de vagas escolares para a faixa dos 4 aos 7 anos. Também já sinalizou problemas para o ensino médio, nível em que não há crescimento de vagas desde 2008. Um dos graves problemas do ensino médio não é, propriamente, a criação de vagas, mas sim condições para estimular os jovens a aproveitar o ambiente escolar. Eles precisam sentir a correlação entre aquilo que estudam e o mundo em que vivem.

22 DE FEVEREIRO DE 2015

O ministro prevê rever o conteúdo programático para o ensino médio, mas as mudanças devem ficar só para 2017. Um dos problemas apontados pelos especialistas é que, sem a efetiva prioridade à educação e responsabilização das instâncias responsáveis, as leis podem ser burladas.

A “pátria educadora” como propõe a presidente Dilma Rousseff, em seu segundo mandato, precisa mostrar agilidade e cumprir metas básicas para garantir a educação a nossas crianças e jovens, com qualidade e respeito. O governo federal deve agir conjuntamente com os governos estaduais e municipais por uma agenda em comum, que priorize a educação de qualidade. O CIEE faz sua parte, contribuindo para o desenvolvimento dos jovens a partir dos 14 anos, inseridos em programas de aprendizagem, e a partir de 16 anos, quando já estão aptos a frequentar um programa de estágio.

REALIDADE TECNOLÓGICA

As novidades tecnológicas transformam a educação, facilitam o aprendizado e fazem com que os alunos ganhem mais interesse na hora de aprender um novo conteúdo. O acesso à internet permite a entrada em um vasto mundo de conhecimento tanto para professores quanto para alunos. Esse benefício, porém, ainda está distante da realidade da maioria das salas de aula. De acordo com pesquisa da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), realizada com 34 países, os professores brasileiros estão entre os que mais mostram insatisfação com a ausência de ferramentas tecnológicas nas escolas. De acordo com o Inep, o órgão responsável por aplicar a pesquisa no Brasil, dos 14,2 mil professores e mil diretores entrevistados, 48,8% afirmam ter acesso à internet insuficiente, o que, segundo eles, prejudica em muito o aprendizado, afetando a qualidade de ensino.

Desde 2008, existe o programa federal Banda Larga nas Escolas, que, segundo dados do Ministério das Comunicações, já abarca 92% das instituições de ensino. No entanto, os problemas de infraestrutura nos prédios escolares – muitos dos quais impossibilitam a instalação da rede –, além da própria dificuldade dos docentes

em adotar esse recurso na rotina de aulas, continuam a prejudicar milhões e milhões de alunos por todo o país.

É necessário que as escolas valorizem os laboratórios de informática com o intuito de preparar os alunos para as demandas de um mundo cada vez mais tecnológico. O profissional que não souber utilizar o computador e os programas básicos de editor de textos, leitura de planilhas e de redes sociais, poderá comprometer seu futuro. O CIEE, instituição filantrópica que facilita a inserção dos jovens no mercado de trabalho, por meio do estágio e aprendizagem, reconhecendo essas deficiências, utiliza ferramentas de educação à distância para capacitar estudantes, com aulas on-line gratuitas do pacote Office, ou mesmo presencial, na sede do CIEE, no bairro do Itaim em São Paulo.

PROFESSORES DESCONTENTES

A melhoria na qualidade de ensino da rede pública passa pela necessidade de qualificação dos professores e apoio para que enfrentem a dura realidade do cotidiano nas escolas. Essa foi a principal constatação de uma pesquisa realizada pela Fundação Lemann com docentes de todo o país sobre o ensino no Brasil. Os professores relatam problemas como indisciplina, falta de acompanhamento psicológico para alunos e atraso na compreensão do conteúdo como os maiores empecilhos para a educação. Também foram citadas a remuneração inadequada, a falta de condições para a inclusão de alunos com deficiência e a sobrecarga de tarefas como itens que atrapalham o desempenho do professor durante as aulas. Quando os docentes apontam a ausência de apoio psicológico para os alunos como o item mais citado na pesquisa (21% deles) e, logo em seguida, a indisciplina (14%), demonstram a necessidade de uma reestruturação urgente do ensino, com vistas atender às demandas sociais e não só as da sala de aula. Nos casos em que o professor precisa se multiplicar para resolver tais pendências extra-aula, o impacto negativo para a qualidade do ensino é grande, pois o olhar tem de ser desviado do quadro-negro. Estudantes da rede pública, boa parte provenientes de famílias carentes que vivem em

15 DE MARÇO DE 2015

moradias sem condições para o estudo, trazem, para as escolas, suas dificuldades, desviando o foco do conteúdo programático. O apoio psicológico de um profissional qualificado pode, além de liberar o professor para tratar apenas de assuntos didáticos, ajudar com mais eficiência e conhecimento os alunos com problemas.

Outro fator, que ficou claro na pesquisa, é a desvalorização da carreira docente. Uma profissão que é a base para o desenvolvimento da educação vem perdendo o reconhecimento da sociedade. Diferentemente de anos atrás, poucos são os bons alunos que rumam para os cursos técnicos de magistério ou às aulas de licenciatura, com intenção de seguir a carreira de professor, principalmente na rede pública. Enquanto não houver uma mudança estrutural que dê conta dessas demandas, corremos o risco de perder uma oportunidade ímpar de crescimento neste mundo globalizado em que a educação é o pilar para o desenvolvimento.

A VITÓRIA DOS NERDS

Até algumas décadas atrás, a palavra inglesa usada no título poderia ser considerada ofensiva. Era quase um insulto, uma provação aos jovens mais estudiosos e/ou com inclinação para se dedicar a assuntos ligados a tecnologia ou cultura pop, como cinema ou histórias em quadrinhos. O que poucos poderiam prever é que os *nerds*, aqueles tímidos garotos e garotas, não perderiam a disposição e que todo o empenho se converteria em empreendedorismo e sucesso profissional.

Hoje, eles não só ocupam cargos de gestão como ditam tendências: os filmes de maiores bilheteiras são inspirados em histórias em quadrinhos ou em séries de livro de sucesso. Isso sem mencionar a verdadeira indústria em que se transformaram as diversões eletrônicas com jogos que arrecadam, em seu lançamento, mais do que os maiores sucessos cinematográficos do verão americano. Hoje, ser *nerd* é estar na moda.

A 18ª Feira do Estudante – Expo CIEE 2015*, a maior mostra de capacitação e inclusão profissional do país, que acontecerá nos dias 29, 30 e 31 de maio, no Pavilhão da Bienal do Ibirapuera – reservará

05 DE ABRIL DE 2015

um espaço para essa comunidade. A começar pelo estande da Saga, uma escola de animação digital e criação de games. Haverá também uma palestra gratuita com Érico Borgo, um dos fundadores e diretor de redação do Omelete, o maior site brasileiro de entretenimento *nerd*.

Às 15h, de sábado, ele falará sobre *Evolução dos games e do mercado no Brasil e no mundo*. Borgo também está envolvido em um dos mais bem sucedidos eventos da cultura pop, a CCXP – feira que no ano passado ofereceu aos brasileiros uma experiência comparável às convenções norte-americanas. Partindo do zero, atraíram empresas de peso como a Marvel Studios, Disney, Pixar, Warner e Sony, além de atores estrangeiros para conversar com os fãs.

As inscrições gratuitas para a Expo CIEE 2015 já estão abertas pelo site www.ciee.org.br/expociee. Os *nerds* de carteirinha e aqueles que querem trilhar esse caminho, já têm compromisso em maio.

*A 18ª Feira do Estudante – Expo CIEE 2015 teve a participação de 68 mil estudantes dos ensinos médio, técnico e superior, educadores e representantes de empresas. Além disso, 600 mil pessoas acessaram o *hotsite* do evento.

INCLUSÃO ESSENCIAL

A inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho vem aumentando com o passar dos anos. Entre os principais fatores estão: maior consciência social por parte dos empregadores, legislação mais eficaz com a política de cotas e maior eficiência na capacitação prática dos jovens. O CIEE é uma das instituições filantrópicas que possuem essa preocupação. Em seu programa Pessoas com Deficiência, capacita jovens por meio do estágio e da aprendizagem para exercer variadas funções nas organizações.

Esse é o caso de inúmeras empresas conveniadas do CIEE, como a Embraer, em São José dos Campos, e a Bauducco, em Guarulhos, que mantêm pessoas com deficiência pelo Programa Aprendiz Legal – parceria do CIEE com a Fundação Roberto Marinho, que, combinando a prática na empresa e aulas teóricas de capacitação, forma jovens para o mercado de trabalho. Muitos deles, que não tinham grandes perspectivas no mundo do trabalho, conquistaram por méritos próprios seu espaço e conseguiram ser efetivados.

A capacitação prática ajuda os jovens a aprender novas funções, conhecendo mais profundamente o mercado, com possibilidades

12 DE ABRIL DE 2015

reais de desenvolvimento da carreira. Para as empresas também é positiva, já que as organizações terão a oportunidade de treinar o estagiário ou aprendiz dentro de sua cultura, observando suas aptidões. Com isso, resolvem-se dois problemas: o primeiro, a falta de qualificação profissional e o segundo, a dificuldade da inserção da pessoa deficiente no mercado de trabalho.

Outro problema que dificultava a inclusão profissional dessas pessoas era o Benefício de Prestação Continuada (BPC), instituído na Constituição de 1988, para deficientes incapacitantes temporários ou permanentes. Muitos indivíduos, que possuíam o benefício, tinham receio de perdê-lo ao se dedicar a uma função laboral. De acordo com a Lei nº 12.470/2011, quem participa de programas de aprendizagem e de estágio pode acumular essa renda assistencial com o salário recebido até o final do período de formação profissional. Essa foi uma forma que o governo federal encontrou para estimular que pessoas com deficiência busquem se capacitar. Aumentar a autoestima e promover a cidadania são pontos fundamentais para que esse público consiga garantir seu merecido espaço na sociedade.

O FUTURO DO BRASIL

O filósofo e matemático grego Pitágoras sentenciava, em torno do ano 500 a.C.: “Eduquem as crianças para que não seja necessário punir os adultos”. A lição do pensador grego surtiu efeito em muitos países, onde a educação é prioridade, com professores bem formados e respeitados, escolas bem equipadas e grade curricular condizente com a realidade. No Brasil, porém, ainda há um longo caminho a percorrer. A falta de mão de obra qualificada, a ausência de conhecimento de uma segunda língua e a baixa produção tecnológica são apenas alguns dos gargalos que prejudicam os negócios, impactam negativamente o desenvolvimento econômico e colocam o Brasil em uma triste realidade: a de deixar a educação sob segundo plano.

A prova inconteste dessa realidade está nas avaliações internacionais que não param de mostrar as tímidas posições de nossos alunos nos rankings educacionais, em comparação às nações mais desenvolvidas. Defasagem em leitura e redação, em ciências e, principalmente, em matemática. As razões são muitas, como a falta de preparo do professor para a realidade da sala de aula, a presença de alunos em série inapropriada, carência de sistemas de capacitação

19 DE ABRIL DE 2015

para os docentes, investimentos públicos e privados insuficientes, uso de métodos didáticos ultrapassados, entre outros.

Para aprofundar a discussão dessas questões e encontrar caminhos sustentáveis para o ensino, o CIEE promove nesta semana, dia 23, quinta-feira, o seminário *Educação: O futuro do Brasil*. Entre os palestrantes convidados estão, o filósofo Renato Janine Ribeiro, ministro da Educação; Arnaldo Niskier, membro da Academia Paulista de Letras (ABL) e presidente do Conselho de Administração do CIEE Rio; e Roberto Leal Lobo e Silva Filho, ex-reitor da Universidade de São Paulo. Apesar das diferentes formações políticas e linhas acadêmicas, com um fato todos hão de concordar: a necessidade de priorizar a educação.

Com planejamento mais eficaz, valorização e formação de professores, e investimentos focados nas necessidades mais urgentes para melhorar a qualidade de ensino, poderemos ter novamente a esperança de atender ao alerta de Pitágoras, feito há 2,5 mil anos.

EDUCAÇÃO E ECONOMIA

Quando especialistas apontam o tratamento dado à educação como um dos pontos nevrálgicos que emperram o crescimento econômico e social do país, não estão atirando a esmo. Vários estudos demonstram uma enorme diferença na qualidade de ensino entre os países considerados pobres e ricos. Recentemente, uma pesquisa norte-americana comprova a existência de uma profunda relação entre o nível de educação e o desempenho econômico das nações. De acordo com estudo, realizado pelo Washington Center for Equitable Growth (grupo de pesquisa com foco em reduzir as desigualdades), a melhora na qualidade do ensino implica crescimento econômico.

Vejamos o exemplo dos Estados Unidos, que atualmente ocupam a 24.^a posição no Pisa, ranking que avalia o desempenho de estudantes de ciências e matemática, entre os países da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico). Se os norte-americanos conseguissem atingir a mesma posição do vizinho Canadá, 7.^a lugar, o PIB teria um crescimento de 6,7%.

26 DE ABRIL DE 2015

No caso do Brasil, que figura apenas na 53ª posição desse ranking, entre os 64 países avaliados, um ensino de qualidade significaria, nesse contexto, brigar pelas primeiras posições entre as maiores economias do planeta. No entanto, pela radiografia do ensino brasileiro, parece mais fácil aumentar o PIB por outros meios do que, propriamente, pelo desenvolvimento da educação. Os levantamentos apontam para uma situação caótica que vai desde o descaso com os salários dos professores à falta de investimentos em estrutura para as escolas. Enquanto, no Japão, um professor iniciante do ensino fundamental ganha por volta de dois mil dólares mensais, no Brasil é difícil o salário chegar a 500 dólares.

A pesquisa norte-americana vem a calhar, no momento em que os brasileiros vivem dificuldades econômicas. Se o país tivesse um histórico positivo no tocante à educação, encontrar uma saída para o atual momento econômico seria bem mais fácil e prático.

LIÇÕES DE VIDA

Apesar das conquistas sociais das últimas décadas, o Brasil ainda sofre com a desigualdade. As periferias das grandes cidades são uma prova dessas disparidades. Com infraestrutura deficiente, os moradores de áreas de vulnerabilidade social têm mais dificuldades para conviver com o aumento da inflação, os ajustes fiscais e o desemprego crescente. Para essas mães, que lutam a cada dia para dar sustento e educação aos filhos, o sonho é vê-los encaminhados na vida. Esse desejo perpassa por uma boa colocação no mercado de trabalho. O CIEE, entidade filantrópica de assistência social, há 51 anos preocupa-se em alimentar esses sonhos, abrindo oportunidades para a inserção de grande parte desses jovens no mundo do trabalho, seja pela capacitação em forma de estágio em empresas, entidades e órgãos públicos, seja na aprendizagem, por meio do programa Aprendiz Legal.

Em muitas ocasiões, mães de aprendizes e estagiários vêm até o CIEE externar a alegria de ver o filho trilhar o caminho da inclusão profissional. Silvana Aparecida de Queiroz, moradora de uma região bastante carente, nos arredores de Itaquera, na zona leste de São Paulo, acredita que foi um “anjo” que mudou a trajetória da

10 DE MAIO DE 2015

família. Ela estava em um Poupatempo, tirando novos documentos com a filha, quando, conversando com uma senhora na fila, soube dos serviços gratuitos do CIEE. Suvenir, sua filha, foi selecionada pelo Aprendiz Legal para atuar em um dos maiores bancos privados do país. O que era um sonho distante virou felicidade para essa e para tantas mães que convivem com as dificuldades financeiras do dia a dia.

Maria Helena Paz, moradora de Ermelino Matarazzo, periferia da zona leste, também comemorou o fato de o filho Bruno ter conseguido o almejado estágio no Tribunal de Justiça de São Paulo (TJ-SP). Ela sabe que essa experiência irá enriquecer o currículo do filho e abrirá portas para uma carreira de sucesso. Além da experiência profissional, a vivência prática ajuda no orçamento familiar e ainda desvia os jovens da desocupação e das más companhias. Se os filhos ouvissem mais as mães, o mundo seria muito melhor.

PRIORIDADE DAS PRIORIDADES

Em mais uma avaliação mundial da educação, divulgada na semana passada pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e realizada com 76 países – cerca de um terço das nações do mundo –, o Brasil ficou em 60ª posição. Foi avaliado o desempenho de alunos de 15 anos em testes de matemática e ciências. No ranking, o Brasil aparece atrás de países como o Irã (51º) e nossos vizinhos Chile (42º) e Uruguai (55.º). A Argentina ficou atrás do Brasil, na 62ª posição. No último ranking, em 2012, que havia analisado 65 países, o Brasil foi o 58º colocado. As cinco melhores nações avaliadas, na prova mais recente, foram todas da Ásia – Cingapura, Hong Kong, Coreia do Sul, Japão e Taiwan.

Apesar da estagnação, o relatório da OCDE aponta certo otimismo com relação à performance brasileira, destacando melhoras “notáveis” na última década, principalmente quanto à universalização do ensino. No entanto, o estudo chama atenção para o número elevado de evasão escolar. Segundo a OCDE, os abandonos ocorrem porque os currículos escolares não são atrativos o suficiente para motivar os alunos.

17 DE MAIO DE 2015

A pesquisa mais uma vez mostra a estagnação brasileira frente um assunto de suma importância para o desenvolvimento, que é a qualidade da educação. Sem um ensino forte, que se adeque às realidades mundiais, que desenvolva nossos jovens para o gosto científico, o Brasil vai continuar à míngua no campo tecnológico, sobrevivendo apenas como um fornecedor de matérias-primas, sem diversificar sua economia com produtos de maior valor agregado, o que é muito pouco para um país com tantas perspectivas de crescimento.

A atual estagnação econômica, com crescimentos pífios do Produto Interno Bruto (PIB), deve servir de alerta (mais um) para que a educação seja encarada como prioridade. É dessa forma que poderemos virar o jogo, com uma mão de obra bem formada e qualificada. O CIEE faz a sua parte, buscando a melhoria da qualificação dos 15 milhões de jovens que, ao longo dos seus 51 anos de fundação, foram encaminhados para o mercado de trabalho por meio do estágio e da aprendizagem.

CARREIRA DE SUCESSO

A escolha profissional é um dos momentos mais complicados na trajetória dos jovens. Muitas vezes, a opção definirá o estilo de vida que terá no futuro. Por isso, é necessária muita pesquisa e reflexão antes de escolher por qual carreira seguir. A tarefa antigamente era mais fácil. Afinal, quatro ou cinco carreiras destacavam-se entre os cursos superiores e técnicos oferecidos para a juventude. Hoje, a multiplicidade de ofertas é tal que gera insegurança e temor no momento de definir o que fazer no vestibular. Muitos dos novos cursos oferecidos não são nem de conhecimento dos jovens.

Outro complicador é o momento de fazer a escolha. Optar pela profissão na adolescência ou no início da vida adulta, quando os jovens não se sentem maduros o suficiente para saber o que querem seguir na vida, pode trazer problemas no futuro. Muitos são os estudantes que ingressam num curso superior, mas largam dois meses depois por achar que não era bem o que gostariam de fazer. Outros até tentam seguir adiante e, mais à frente, sentem dificuldades por não ter características ou comportamentos exigidos pelo profissional de tal área.

31 DE MAIO DE 2015

Para ajudar na escolha da carreira, o CIEE lança mão de uma série de instrumentos que podem dirimir as dúvidas, fazendo com que os jovens possam fazer uma reflexão mais profunda do ponto de vista profissional, pedagógico e psicológico. Uma das dicas é o curso gratuito de Educação à Distância do CIEE, *Orientação profissional*, que ensina como conciliar os sonhos com a realidade do mercado de trabalho. Outro curso à distância, *Ações estratégicas para a escolha profissional*, também oferecido no portal CIEE, desenvolve habilidades e competências que permitem analisar os tipos de comportamentos para cada ambiente no mercado de trabalho.

Também está à disposição dos internautas no portal CIEE o livro *Profissões*, que discorre sobre as principais carreiras, mostrando quais estão em alta no mercado de trabalho. Com essa gama de informações, o CIEE espera cooperar para que o jovem possa escolher com mais segurança sua profissão, o que vai refletir, no futuro, em sucesso profissional.

EXPERIÊNCIA SAUDÁVEL

Uma pesquisa realizada na Faculdade de Medicina da USP, em Ribeirão Preto, mostra que os estudantes que fazem estágio consomem menos bebidas alcoólicas do que os universitários que não praticam a atividade prática. A explicação é simples: os estagiários têm menos oportunidades de consumo, em razão das responsabilidades e atividades do estágio, o que diminui consideravelmente as chamadas bebedeiras, comum entre muitos universitários. A pesquisa aponta também que os universitários dos últimos anos consomem mais bebida alcoólica (47,7%) do que os alunos dos primeiros anos (15,4%).

O estudo comprova mais uma vez que continua muito alta a prevalência do consumo de álcool nas universidades. Este fato está ligado a questões culturais, como a nova “liberdade” que os estudantes sentem ao entrar na universidade, muitos deles deixando pela primeira vez a casa dos pais e o controle direto dos familiares. Além disso, muitos alunos, para enturmarem-se, cedem às pressões dos colegas para não se sentirem excluído do grupo.

21 DE JUNHO DE 2015

O CIEE, em parceria com a Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (Senad), criou a Campanha Nacional sobre Drogas, promove seminários gratuitos de esclarecimentos para alunos, pais e professores de universidades por todo o Brasil. Nessas ocasiões, especialistas renomados alertam os alunos para temas relacionados ao consumo de drogas lícitas e ilícitas, numa relevante ação preventiva. Recentemente foi realizado o 101.º seminário, na Faculdade de Tecnologia e Ciências de Itabuna, na Bahia.

A pesquisa da USP mostra a necessidade de continuar a investir em formas de esclarecimentos para que os jovens não entrem em um caminho sem fim, como o estudante de engenharia elétrica de Bauru, Humberto Moura Fonseca, morto aos 23 anos, após consumir mais de 20 doses de vodca em uma competição de alunos. O estágio, além de afastar a juventude das drogas, encaminha-os para a experiência de uma nova profissão, o que alimenta ainda um futuro promissor e saudável.

MOEDA DE OURO

A punição a menores infratores domina os debates nos últimos dias na mídia, nas redes sociais e nas conversas de botequim. As discussões em torno da redução da maioridade penal de 18 para 16 anos inflamam-se e ganham repercussões na opinião pública na medida em que cresce a participação dos jovens na criminalidade. Segundo o Datafolha, 87% da população é favorável à redução da idade penal. O que fica claro, em torno dessa celeuma, é que se deve ampliar o foco das discussões para a origem do problema. Entre as soluções prioritárias, encontra-se a urgência em potencializar a educação de qualidade para os jovens.

Uma proposta viável é aumentar o acesso dos estudantes às escolas de tempo integral. Com ocupação o dia inteiro, longe das ruas e das más influências, os jovens distanciam-se do mundo das drogas e das atividades ilícitas. Ganham uma melhor formação, o que aumenta a capacidade de força de trabalho e diminui, sensivelmente, os números da geração nem-nem – a população juvenil que nem trabalha nem estuda e, geralmente, nem procura emprego. Para que o remédio funcione a contento, é necessária ainda uma reforma estrutural no ensino médio, principalmente nas questões

28 DE JUNHO DE 2015

curriculares, incluindo matérias com forte apelo para a formação do jovem ao mercado de trabalho.

Não é só o poder público, mas a sociedade como um todo deve se engajar nessa causa. As empresas que abrem suas portas para os jovens contribuem para a diminuição da criminalidade. Seja abrindo oportunidades de emprego, estágio ou aprendizagem, estará permitindo a possibilidade de uma vida melhor para a família desses jovens que entram no mercado de trabalho sonhando com um futuro promissor.

Somente com educação de qualidade, e, conseqüentemente, com a diminuição das desigualdades sociais é que poderemos sonhar com a diminuição das estatísticas de criminalidade. Como dizia o sábio Padre Antonio Vieira, a boa educação é moeda de ouro; em toda a parte tem valor.

EDUCAÇÃO FISCAL E CIDADANIA

Ninguém gosta de pagar impostos. Essa é uma máxima de dez entre dez cidadãos. As denúncias de corrupção que consomem as páginas dos jornais dificultam a questão, já que não há clareza do que é feito com o dinheiro público. A contribuição tributária, no entanto, é uma necessidade em uma sociedade democrática. Pelos tributos pagos pelos contribuintes é que o poder público canaliza recursos para o bem comum: financia obras de infraestrutura (pavimentação de estradas e ruas, tratamento de rede de esgotos, ampliação e manutenção de iluminação pública, recolhimento de lixo; investimento em segurança pública, construção e administração de hospitais e escolas públicas, etc.).

A sonegação de impostos também é uma forma de corrupção, pois diminui os recursos que vão gerar benefícios à população. Para criar cidadãos mais conscientes, que possam avaliar criticamente as ações do estado e sugerir novas estratégias, é que o CIEE em parceria com a Receita Federal, lançou o curso à distância (EaD) Educação Fiscal, na terça-feira, no Teatro CIEE. A ideia é difundir a importância dos conceitos por meio lúdico, atendendo a uma demanda entre os jovens. Quando o aluno reflete sobre as questões tributárias, estará

05 DE JULHO DE 2015

ampliando conceitos de cidadania e ética, tão importantes para a formação pessoal e profissional.

O curso está planejado para quatro módulos e utiliza recursos para facilitar a aprendizagem autônoma do que, para muitos, é um assunto árduo, mas fundamental para os dias atuais. Acompanhamento de tutores, atividades que simulam o dia-dia, dúvidas por e-mails e chats, além da apostila digital são alguns dos recursos didáticos disponíveis. Os estudantes recebem ainda um certificado digital no fim do curso.

Além de educação fiscal, o CIEE dispõe de mais de 40 cursos gratuitos para os jovens que pretendem se aperfeiçoar com vistas a uma colocação no mercado de trabalho. Basta estar cadastrado no portal CIEE (www.ciee.org.br) e aproveitar o período de férias para se reciclar.

EDUCAÇÃO EM XEQUE

Muito tem se falado da real situação da educação brasileira. Da falta de preparação dos professores, da ausência de estrutura das escolas, dos currículos obsoletos que não preparam os jovens para o mercado de trabalho, entre outros tantos itens. Cada pesquisa que surge só vem comprovar a condição caótica em que se encontra o ensino. De acordo com o relatório De Olho nas Metas, divulgado recentemente pelo movimento Todos pela Educação, em 2013, apenas 54,3% dos jovens concluíram o ensino médio até os 19 anos. O número ficou bem abaixo da meta, que era 63,7%. Para o ensino fundamental, 71,7% dos estudantes se formaram até os 16 anos, também longe da meta de 84%. Os dados mostram que o Brasil ainda tem muito para que caminhar em um setor estratégico e fundamental para o desenvolvimento do país.

O levantamento mostra avanços no ensino fundamental, que criou o 9.º ano, ampliando a permanência do aluno na escola, mas não consegue resolver o gargalo do ensino médio. Somente 9,3% dos alunos do antigo colegial apresentaram proficiência esperada na disciplina de matemática. Em língua portuguesa, em que os

19 DE JULHO DE 2015

alunos obtiveram um resultado melhor, a média ainda ficou longe da ideal, com 27,2%.

A realidade mostra que a crise na educação é endêmica. Percorre todos os estados, sem preconceitos. Do Oiapoque ao Chuí, passando pelos mais ricos, como São Paulo e Rio de Janeiro, e chegando a destinos longínquos do sertão nordestino à Amazônia. É necessário que as autoridades atuem para aparar essas feridas expostas. Não dá para aceitar que um aluno permaneça 12 anos na escola e saia do ensino médio sem condições de fazer operações aritméticas básicas ou tenha problemas para interpretar um texto em português. Falar em língua estrangeira e ciências, hoje temas fundamentais para o mercado de trabalho globalizado, é ainda sonhar alto. A educação precisa ganhar a prioridade devida para que possamos preparar melhor nossos jovens. Esse é um dos papéis que o CIEE desenvolve ao longo de seus 50 anos de atuação, facilitando a inserção dos jovens no mercado de trabalho.

PAI HERÓI

São muitas as histórias sobre a origem das homenagens aos pais. A mais antiga delas vem da Babilônia, há quatro mil anos, quando um jovem chamado Elmesu teria moldado um cartão de felicitação em argila, desejando saúde, sorte e uma longa vida ao seu pai, o rei Nabucodonosor. Nos Estados Unidos, a figura de William Jackson Smart, um ex-combatente da Guerra Civil Americana – que perdeu a esposa e teve de criar os seis filhos pequenos – remonta às comemorações realizadas em junho. Na religiosa nação portuguesa, o Dia dos Pais é comemorado em 19 de março, data em que a Igreja celebra o dia de São José, pai de Jesus Cristo e esposo da Virgem Maria. No Brasil, a data começou a ser comemorada em 1953 em razão de uma campanha de entidades de imprensa que promoveram um concurso para homenagear três tipos de pais: o mais jovem (16 anos), o mais velho (98 anos) e com o maior número de filhos (31!). Passou então a ser comemorado o Dia dos Pais em 16 de agosto, dia de São Joaquim, pai da Virgem Maria. Posteriormente a data mudou para o segundo domingo de agosto.

Histórias à parte, o Dia dos Pais tem um significado importante para as famílias. A conduta de um pai é o maior legado que deixa

09 DE AGOSTO DE 2015

para os filhos. Içami Tiba, grande médico e educador, que nos deixou órfãos na semana passada, dizia que a maioria dos problemas psíquicos dos adolescentes podia ser atribuída ao imaturo comportamento de seus pais, que viviam uma espécie de “adulescência”.

Dentro da família, a figura paterna representa segurança e controle dos limites, tendo uma valiosa chance de transmitir bons valores por meio da educação. No campo profissional, são inúmeros os casos de jovens que buscam semelhanças com os pais, seguindo carreiras idênticas. Os bons exemplos devem ser seguidos. Nada melhor do que ter, no próprio seio familiar, alguém que possa orientar e refletir sobre os problemas e soluções para que os filhos sigam pelos caminhos corretos no mar caótico que se transformou a estrada da vida.

ALFABETIZAÇÃO E CIDADANIA

Treze milhões de brasileiros acima de 15 anos, ou 8,7% da população, não sabem ler nem escrever. É ainda um contingente muito grande que enfrenta problemas cotidianos como não conseguir entender uma placa de trânsito, acessar uma conta bancária no caixa eletrônico ou mesmo assinar um contrato de aluguel. Sem alfabetização, essas pessoas têm dificuldades de empregabilidade, dependendo muitas vezes de programas de renda do poder público para sobreviver.

Os países com pessoas letradas possuem melhores índices de desenvolvimento humano. A população tem acesso a bons empregos e, conseqüentemente, a rendas melhores. Com índices positivos de educação, desenvolve-se também o potencial tecnológico e diminui sistematicamente a pobreza. Por esse motivo, alfabetizar a população é imprescindível para alterar os rumos de uma nação.

Preocupado com o elevado déficit educacional, o CIEE criou em 1997 o programa de Alfabetização e Suplência Gratuita para Adultos, destinado a possibilitar que pessoas acima dos 15 anos concluam os 12 anos do ensino fundamental e médio, com certificação

06 DE SETEMBRO DE 2015

reconhecida pelo MEC. Para assegurar condições de um aprendizado de qualidade, os alunos recebem, sem nenhum custo, kit com material escolar, uniforme, vale-transporte e lanche, num programa de assistência social que já beneficiou mais de 50 mil pessoas, trazendo a eles a melhora da autoestima e a aptidão para tornarem-se mais competitivos no mercado de trabalho.

No CIEE, os jovens e adultos participantes do programa recebem aulas ministradas por estagiários ligados às licenciaturas. O conteúdo programático é individualizado, baseado nas próprias dificuldades do aluno. Atualmente 1,5 mil estudantes participam das aulas nas cidades de São Paulo, Piracicaba, Osasco, Barueri, Guarulhos, Araçatuba, Franca, Araraquara, Andradina, Praia Grande, Guararema e Brasília.

Quem lê pode se informar, evitar manipulação, buscar seus direitos com autonomia, votar com mais consciência e usufruir do pleno direito à cidadania.

RICA ESCOLARIDADE

Na convivência com os pais, já nos primeiros anos de vida, a educação se faz presente. Aprendemos a interagir com o meio, com as pessoas e passamos a respeitar valores que seguiremos por toda vida. Mais tarde vem a escola, na qual construímos o conhecimento, fundamental para o sucesso profissional e para a vida futura. É pela educação que mudamos os quadros de injustiça social, ainda tão comuns em nossa sociedade. Os benefícios são infindáveis. Entre eles, a diminuição da criminalidade, a melhora nos tratamentos com os idosos, a redução da pobreza e do analfabetismo, o aumento da autoestima, o pleno exercício da cidadania, entre outros muitos pontos.

Para quem ainda duvida dos efeitos positivos, o IBGE divulgou na semana passada um estudo em que mostra a diferença de salários entre quem tem curso superior e quem não tem. Segundo o levantamento, o salário de quem possui diploma universitário é 267,1% maior. A diferença dos valores entre pessoas com curso universitário e sem foi de R\$ 3.893. Em 2013, os que não tinham formação em faculdade ganhavam em média, R\$ 1.457,37 ante R\$ 5.350,43, dos graduados.

13 DE SETEMBRO DE 2015

Os números do levantamento oficial mostram mais uma vez a importância da dedicação aos estudos. Uma população com mais escolaridade tende a conseguir empregos mais bem remunerados, melhorando substancialmente a qualidade de vida, a distribuição de renda, e, por consequência, há redução da pobreza. Quem detém o conhecimento, raciocina com mais clareza, está mais preparado para o mercado de trabalho e tem uma visão de mundo que ajuda a obter sucesso no campo profissional.

O CIEE, com 51 anos de experiência em preparar jovens para o mercado de trabalho, por meio do estágio e da aprendizagem, acredita que a educação é o substrato fundamental para que a nação consiga atingir seu pleno desenvolvimento, com uma população letrada e ativa, que pode escolher democraticamente seus caminhos privilegiando a sabedoria e o bom senso e eliminando as mazelas que tanto atrapalha a vida cotidiana.

INTERNET TODOS OS DIAS

Todos os dias, mais da metade dos brasileiros utiliza a internet. Esse foi o resultado de uma pesquisa divulgada semana passada pela Hello Research, que entrevistou mil pessoas em 70 cidades de todas as regiões do país. Na maioria das vezes (90%), o acesso é feito para entrar nas redes sociais mais populares (Facebook, Whatsapp, Instagram, You Tube e Twitter). Segundo a pesquisa, 57% acessam pelo menos uma vez ao dia. Para isso, utilizam o smartphone, em 97% dos acessos. A pesquisa mostra também que há uma parcela de excluídos da tecnologia digital: 27% dos brasileiros. O resultado é uma demonstração das diferenças de costumes no país. A internet é muito popular entre os jovens, mas perde fôlego, principalmente, entre as pessoas com mais de 45 anos.

A verdade é que a rede chegou para revolucionar a comunicação no século 21. As distâncias encurtaram de tal modo que a maioria das grandes empresas já utiliza as videoconferências em reuniões, evitando muitas vezes, viagens e despesas desnecessárias. Os jovens que não tiverem habilidades para lidar com as ferramentas tecnológicas poderão encontrar problemas para se desenvolver no mercado de trabalho.

20 DE SETEMBRO DE 2015

A inclusão digital também faz parte das preocupações do CIEE na inserção do jovem no mercado de trabalho. Pelo portal www.ciee.org.br, os jovens têm acesso gratuito a grade de 44 cursos de educação à distância que trabalham, entre outras habilidades, os programas de informática mais utilizados nas empresas, e cobrados, muitas vezes, nos processos seletivos, como o pacote Office (que inclui word, excel, powerpoint), flash, outlook, acess, além de um curso sobre smartphones – que ajuda os jovens a entender e aproveitar da melhor forma a tecnologia disponível.

Contribuir para a inclusão digital é o mesmo que reforçar as estruturas para que o país atinja seu pleno desenvolvimento. Ter jovens capacitados para utilizar a internet e seus mecanismos faz parte da construção de uma geração que vai entender o mundo com um olhar mais crítico e, quem sabe, mais humano às necessidades sociais, políticas e econômicas.

EM BUSCA DE QUALIFICAÇÃO

O MEC divulgou na semana passada os números da Avaliação Nacional de Alfabetização 2014, que mede em crianças da 3ª série do ensino fundamental a proficiência em leitura, escrita e matemática. Mais uma vez os dados não foram nada animadores. Uma em cada cinco crianças (22,2%) só desenvolve a capacidade de ler palavras isoladas. A maioria (56,1%) só consegue localizar informações explícitas em textos curtos. Nos mais extensos, só se estiver na primeira linha.

Quando se trata de matemática, as estatísticas são ainda piores. Mais da metade das crianças atingiu apenas o nível 1 e 2, que, segundo o próprio MEC, são considerados inadequados. Educadores avaliaram que o pífio resultado em matemática advém do próprio conhecimento limitado da língua portuguesa, já que os estudantes precisam interpretar os enunciados para transformá-los em cálculos e chegar ao resultado.

A questão é que, entra ano e sai ano, as estatísticas referentes à educação, ou mudam muito pouco ou continuam em estado de latência. Comparando com as nações mais desenvolvidas, o desempenho

27 DE SETEMBRO DE 2015

dos nossos alunos fica muito aquém das próprias necessidades de formação profissional do país. Estudantes com dificuldades em matemática terão poucas chances em setores como engenharia, finanças, contabilidade, administração – que são carreiras fundamentais para o desenvolvimento econômico. A falta de leitura e as dificuldades para interpretação de textos e para a escrita impactam a formação de profissionais qualificados para outras carreiras também importantes, como direito, comunicação, letras, pedagogia, serviço social e relações internacionais.

Com o objetivo de inserir jovens no mercado de trabalho, o CIEE, há 51 anos, investe na qualificação com cursos presenciais ou à distância, buscando melhorar a formação daqueles que pretendem entrar no mundo do trabalho. Por isso, além de cursos que privilegiam modelos atitudinais (relação interpessoal, administração de tempo, marketing pessoal), oferece, também gratuitamente, aqueles que buscam melhorar os conhecimentos em língua portuguesa e matemática. Esperamos que, em um futuro próximo, esses cursos de reforço possam se tornar desnecessários, não pelos métodos em si, mas pela alta qualificação de nossos estudantes.

SENHORES ESTAGIÁRIOS

Um fenômeno vem chamando a atenção de educadores em todo o País: pessoas com mais de 40 anos estão voltando aos bancos escolares. Um levantamento realizado pelo CIEE mostra que há 7,2 mil estagiários com esse perfil em programas de capacitação em empresas, entidades e órgãos públicos. É importante lembrar que, para ser estagiário, é preciso estar cursando regularmente os ensinos médio, técnico, tecnológico ou superior. O volume representa um aumento de 20% em relação ao último levantamento, de outubro de 2013. Em tempos de mercado mais exigente, a busca pela melhor qualificação pode ser um dos motivos para esse crescimento. Além disso, nos últimos anos, houve um aumento de vagas, principalmente na rede privada de ensino superior, pelo efeito dos incentivos governamentais, como o Prouni e o Fies. De acordo com o levantamento, os cursos com mais estagiários seniores são pedagogia, direito, serviço social, enfermagem, psicologia e letras.

O assunto chamou atenção até mesmo da indústria de cinema de Hollywood. Na semana passada, estreou no Brasil o filme *Um senhor estagiário*, de Nancy Meyers, que traz o famoso e competente ator Robert De Niro interpretando um idoso que volta ao mercado

04 DE OUTUBRO DE 2015

de trabalho por meio do estágio. Na película, ele utiliza-se da vivência para mostrar-se útil à proprietária de uma empresa de moda virtual (Anne Hathaway). Passando da ficção à vida real, esse também é um dos principais motivos para que as empresas contratem estagiários com mais de 40 anos. Além de proporcionar aos estudantes experiência prática em um novo ramo de atividade, as empresas aproveitam do *background* que os estagiários trazem de outras experiências profissionais para enriquecer a troca de conhecimentos. Esse também é o mote do divertido filme que, entre outras questões, brinca com o conflito de gerações.

A verdade é que a tendência verificada pelo CIEE e comprovada na prática agrada a todos os setores. Não se está excluindo com isso a grande parcela de jovens que são contratados para programas de estágio. Além de abrir um campo de oportunidades para os mais experientes, agrega diferentes gerações, enriquecendo assim as relações no mercado de trabalho.

RECEITA PARA UM FUTURO MELHOR

Para os jovens (e pais), a proximidade do final do ensino médio traz um dos momentos mais angustiantes e estratégicos da vida: abertas as inscrições para os grandes vestibulares, que curso escolher? A opção nunca foi simples, mas em épocas de crise, como a atual, fica ainda mais difícil identificar quais os campos de atuação despontam como promissores, tanto para a realização pessoal quanto para tentar uma relativa segurança de renda futura. Aliás, a questão financeira é agravante: a família ou o jovem terão condições de sustentar mais alguns anos de estudo, até a obtenção de um sonhado diploma universitário?

Somem-se a isso a precariedade da educação brasileira – que avançou no acesso à sala de aula, mas continua patinando no quesito qualidade –, constantes greves de servidores, desmotivação de professores, falhas na gestão escolar, desvios e má aplicação de recursos, omissão de pais e está desenhado um cenário ainda mais sombrio. Cenário que indica aumento dos obstáculos que as novas gerações terão de superar para conseguir uma adequada preparação para ingresso no mercado de trabalho e, na sequência, uma bem sucedida construção de carreira.

02 DE NOVEMBRO DE 2015

Até aqui, a visão se restringe ao impacto na vida do aluno, mas há outro aspecto, igualmente relevante: os reflexos negativos para o País, decorrentes de alguns anos de ensino com deficiências agravadas e de piora na formação (já insuficiente) do capital humano, fator fundamental para vencer os períodos de crise e para sustentar a retomada de crescimento que virá, cedo ou tarde. Sintomas dessa carência de qualidade são as vagas que, mesmo nos períodos de bonança e fartura de oferta de empregos, permanecem abertas longo tempo à espera de candidatos com o perfil compatível. Em períodos de dificuldades, então, a situação piora para os profissionais menos qualificados que precisam, além de tudo, enfrentar concorrentes com currículos mais alentados – num processo que penaliza principalmente os segmentos menos favorecidos da sociedade.

Assim, por qualquer viés que se examine, a educação continua sem ser a prioridade das prioridades nas políticas públicas. Isso, apesar da exaustiva repetição dos exemplos da arrancada da Coreia do Sul ou do Vietnã, países que a aposta em ensino de qualidade alçou da condição de subdesenvolvidos devastados por

guerras a posições na elite dos rankings internacionais. Se, como dizem os chineses e sempre citam especialistas em administração, crise é sinônimo de oportunidade, não parece descabido sugerir que, num momento tão difícil para o País, se pense na adoção de medidas cujo êxito depende mais de criatividade e comprometimento do que de investimentos financeiros. Entre elas, a gestão responsável e a rigorosa fiscalização do destino das verbas são medidas básicas e altamente recomendáveis; a adoção de currículos condizentes com a realidade atual, tanto do aluno quanto do mundo do trabalho; a valorização da carreira do magistério com prêmios e reconhecimento público aos melhores desempenhos, e assim por diante.

Nesse conjunto de soluções, é indispensável um maior envolvimento da sociedade na verdadeira cruzada pela educação de qualidade, fator fundamental para a conquista do desenvolvimento sustentado do País – uma meta que beneficiará a todos: cidadãos, empresas e governos. Com base em uma história de meio século voltada à inclusão social e profissional dos jovens, o CIEE tem a convicção de que o estágio e a aprendizagem são eficientes

contribuições das empresas e órgãos públicos para a educação e o desenvolvimento profissional das futuras gerações. Isso porque tais programas melhoram o desempenho do aluno em sala de aula, motivam o seu desenvolvimento pessoal, aprimoram a qualificação profissional de futuros colaboradores, tornando-os aptos a atender aos modernos requisitos do mundo do trabalho e à cultura da organização. Além disso, programas de estágio e aprendizagem geram efeitos adicionais salutares e altamente positivos, em especial nos momentos de crise, pois evitam que tantos jovens abandonem prematuramente os estudos, seja para reforçar o orçamento familiar, seja para compensar o desemprego do pai.

Esse benefício decorre da obrigatoriedade legal do pagamento de bolsa-auxílio ao estagiário e salário mínimo hora ao aprendiz – investimento para o qual a empresa ou o órgão público contratante contam com incentivos governamentais. Portanto, um bom remédio para cruzar a fase crítica e chegar a uma etapa mais promissora é sempre contar com a força de uma nova geração formada para construir um futuro melhor e mais seguro para todos.

A VEZ DA MATEMÁTICA

A matemática é a disciplina escolar que mais receio causa nos alunos. E também nos adultos, que já foram alunos um dia. Pesquisa realizada em 25 cidades brasileiras com adultos de mais de 25 anos, mostra que a maioria não sabe fazer operações matemáticas básicas como cálculos de porcentagens, juros e frações. A ciência é detestada por 43% das pessoas e 65% deles apontam dificuldades na escola com a disciplina. De acordo com a pesquisa, 75% não sabem calcular médias simples, 63% não conseguem responder a perguntas sobre percentuais, 75% não entendem frações e 69% não conseguem fazer contas com taxas de juros. Em avaliações parecidas, feitas em países desenvolvidos, o resultado é quatro vezes melhor.

O estudo, encomendado pelo Instituto Círculo da Matemática do Brasil, aponta para um problema endêmico que atinge o ensino no país. O temor da matemática traz influências perniciosas para o desenvolvimento. Uma sociedade que não tem bons conhecimentos matemáticos torna-se pouco competitiva no mercado internacional. Não consegue acompanhar as inovações tecnológicas e fica sempre em segundo plano no campo científico. Além

08 DE NOVEMBRO DE 2015

disso, o desconhecimento nesse campo gera dificuldades nas áreas comerciais e financeiras. Como saber quais os melhores investimentos para o dinheiro se o aplicador não sabe calcular juros e porcentagens? É uma deficiência que pode causar, até mesmo, um impacto negativo na economia.

A matemática também é a matéria base para carreiras importantes como a engenharia, que sofreu nos últimos anos, um esvaziamento de profissionais qualificados. Países como China, Coreia do Sul, que hoje desenvolvem tecnologia de ponta e que, até pouco tempo, tinham graves problemas de educação, avançaram bastante e formam muito mais profissionais nessa área que o Brasil. E a engenharia é um símbolo de carreira que anda ao lado do desenvolvimento. Quanto mais um país cresce, mais precisa de profissionais dessa área.

Os sintomas dessa educação deficiente chegam ao CIEE, que detecta problemas na formação de gerações de estudantes nos processos seletivos que organiza para empresas e órgãos públicos. Esse foi um dos motivos para a criação dos cursos *Matemática*

básica I, Matemática básica II, Matemática financeira e Finanças no rol da educação à distância que o CIEE oferece gratuitamente em seu portal para os jovens que buscam vagas de estágio e aprendizagem.

Dessa forma, o CIEE contribui para atenuar um problema sério que precisa, evidentemente, ser corrigido em sua base. A melhoria na qualidade da formação dos professores deve ser um dos principais itens da lista. Assim como uma adequação estrutural da disciplina nas escolas, com mais aulas e com um enfoque diferente que mostre a importância da matemática no nosso dia a dia.



CONSCIÊNCIA ACIMA DE TUDO

O Brasil é um país miscigenado, fruto da intensa mistura de raças e culturas que ocuparam nos oito milhões de quilômetros quadrados do território nacional nesses pouco mais de 500 anos de história. Brancos europeus, vermelhos indígenas e negros africanos, devidamente rotulados, deram origem a outras categorias como o mulato, o mameluco e o caboclo. De uns tempos para cá, passou-se a convencionar três tipos étnicos que formam a população brasileira: os brancos, os pardos e os negros.

Como se sabe, os antepassados dos negros chegaram ao país em navios, como escravos trazidos da África, para trabalhar nas usinas de produção de açúcar, em meados do século XVI. Essa perversidade que mancha parte da história brasileira na Colônia e no Império, durou vários séculos até a abolição da escravatura, com o advento da Lei Áurea, assinada em 1888, pela princesa Isabel. O legado cruel da escravidão, no entanto, permanece até hoje. São os números que comprovam isso.

A população negra ganha menos, de acordo com dados do Seade, divulgados na semana passada, válidos para 2014 na região

22 DE NOVEMBRO DE 2015

metropolitana de São Paulo. No ano passado, o salário médio por hora dos negros era de R\$ 8,79, representando 63,7% do que era recebido por não negros, o equivalente a R\$ 13,80. Apesar disso, segundo a pesquisa, a participação do negro no mercado de trabalho aumentou em 2014, passando de 35,2% para 37,9%. Em relação a aumento de salário, os negros também foram mais prejudicados. Entre 2013 e 2014, o rendimento ficou praticamente estável, subindo apenas 0,3%, enquanto os não negros aumentou 2,9%.

É verdade que nos últimos anos o quadro da desigualdade racial vem apresentando melhora, mas em ritmo ainda bastante lento. Isso pode ser percebido na taxa de desemprego, que continua maior entre os negros, mas a diferença vem diminuindo a cada ano. Entre 2013 e 2014, o índice ficou estável em 12% para a população negra, ante 9,4% a 10,1% para os não negros. Em 2002, por exemplo, a diferença chegava a mais de 7 pontos percentuais.

Na semana em que se comemorou o Dia da Consciência Negra, os dados revelam que ainda há muito que fazer para a diminuição

das desigualdades étnico-raciais. A contribuição do negro africano para a cultura brasileira – seja na música, na religiosidade, na culinária, na dança – está presente em cada canto do país. É preciso sanar de vez a discriminação silenciosa e dar oportunidades iguais a todos, acabando, definitivamente, com mazelas deixadas pela escravidão.



RESISTIR É PRECISO

Nos últimos meses, cada nova estatística sobre mercado de trabalho sinaliza para a escalada do desemprego de jovens, num processo que não é exclusivo do País, mas aqui está mais acelerado, em razão da crise que se arrasta sem sinais de esgotamento. Segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), 2015 deverá fechar com 201 milhões de desempregados no mundo, dos quais 13% têm idade entre 15 e 24 anos. No Brasil, o percentual deve chegar perto dos 16% de desocupados num universo de mais de 35 milhões de jovens nessa faixa etária. A última Pnad valida a previsão: o índice de desocupação dos 18 aos 24 anos de idade, 18,6%, apresenta patamar elevado em relação à taxa média total da desocupação (8,3%). No cenário global, apontam-se três causas dessa situação: avanço da tecnologia, envelhecimento da população e maior tempo de permanência no emprego – fatores que, passada a fase de bônus demográfico, já começam a impactar a oferta no mercado interno de trabalho. Ademais, tais fatores são agravados por outros aspectos pouco avaliados. Segundo a OIT, a média de desocupação, entre os detentores de diploma universitário, é de 8%, praticamente a metade da detectada entre os que não

30 DE NOVEMBRO DE 2015

completaram o nível fundamental I e ficam com as vagas de menores salários.

Com base nesses dados, a OIT alerta para a urgência de aumentar o investimento na geração de empregos para os jovens, deixando implícita a importância da educação. O sucesso da proposta depende da integração entre estudo e trabalho, uma conjugação que está inscrita no DNA do CIEE, que há 51 anos defende o estágio como a mais eficaz modalidade para completar a formação profissional dos estudantes, unindo a teoria à prática. Esse esforço vai além da defesa conceitual, pois também busca sensibilizar empresas, órgãos públicos e setores do governo para a necessidade de qualificar talentos como base do desenvolvimento sustentável.

Em momentos críticos, com inflação em alta e PIB em baixa, mais do que nunca é fundamental assegurar oportunidades para que os jovens não desistam de ingressar no mundo do trabalho e, em paralelo, mantenham seus estudos, contando com a bolsa-auxílio que remunera o estágio. Aliás, a frequência escolar é uma das exigências legais na contratação de estagiários. Estímulo que, entre

outros, demonstra a sabedoria do legislador ao apoiar incentivos para programas de estágio, como a isenção de encargos trabalhistas e previdenciários.

A desaceleração da economia, é certo, afeta muitas áreas. Alguns setores são penalizados, mas há atividades, tradicionais ou novas, que crescem ou se mantêm em meio às dificuldades. Historicamente, por exemplo, os escritórios e consultorias de contabilidade vão bem, pois há quem diga, meio a sério, meio em tom de blague, que esses serviços ganham peso durante as crises. Afinal, eles ajudam a montar bons orçamentos e a livrar as empresas do risco de encargos decorrentes do olho vivo do leão.

Existem outras carreiras nas quais a demanda parece passar ao largo das tempestades. Empresas e *start ups* da área de tecnologia registram crescimento, pois muitas organizações investem nelas para amenizar a crise. Tecnologia da informação (TI), por exemplo, é uma carreira em que os jovens podem apostar sem medo, já que entidades de classe estimam um *gap* de profissionais qualificados na casa dos 100 mil. A saúde também promete boas

perspectivas alavancadas pelo envelhecimento da população, a valorização da qualidade de vida e a resistência das famílias em cortar despesas com saúde, temendo a precariedade dos serviços públicos. A educação, outro pilar da sustentabilidade, tenta absorver os cortes nos orçamentos das instituições públicas e o impacto, nas universidades privadas, do enxugamento dos programas federais de financiamento estudantil, como o Fies, que levou muitos alunos a desistirem do curso superior. Isso, entretanto, não afeta a necessidade de reduzir a carência de professores de matemática, física, química e letras. Esse é outro ponto que merece reflexão na avaliação dos investimentos em formação de futuros profissionais, pelo estágio e pela aprendizagem. A razão? Muitos ainda se lembram, em recente etapa de bonança, da importação de engenheiros, médicos e outros profissionais qualificados para atender à demanda. Portanto, a dica, válida tanto para as organizações quanto para os jovens, é não desanimar em épocas de crise. Elas costumam passar e sairão à frente aqueles que estiverem mais bem preparados para as novas oportunidades.

A HORA E A VEZ DO JOVEM ELEITOR

Em outubro de 2015, 23 milhões de eleitores com idade entre 16 a 24 anos estão aptos a ir às urnas para escolher os 5.670 prefeitos e mais de 60 mil vereadores que, nos próximos quatro anos, cuidarão bem de perto da vida dos 208 milhões de brasileiros espalhados pelos municípios. No cenário de uma crise que deverá estender seus reflexos em 2017, quase todos os candidatos eleitos enfrentarão dificuldades maiores do que aquelas que tradicionalmente impossibilitam o atendimento das demandas dos municípios. Com a atual política tributária, que há tempos está pedindo uma reforma, os recursos que entram nos cofres da esmagadora maioria das prefeituras se revelam insuficientes para atender a parte que lhe cabe das carências nas áreas da educação, da saúde, obras e serviços urbanos, habitação popular, entre outras. Não bastasse essa estranha distorção numa república que se pretende federativa, as municipalidades sofrerão uma pesada sobrecarga, resultante da sombria conjugação de economia em queda, escalada do desemprego e alta da inflação. Por tudo isso, e mais a turbulência política, em paralelo ao enxugamento da receita tributária, se verão acirradas as demandas por serviços essenciais.

28 DE JANEIRO DE 2016

Nesse cenário, voltou a ser ouvida a voz rouca das ruas, ecoando nas grandes manifestações pró e contra o impeachment, contra a corrupção, por mais moradias e outras motivações. Tudo num admirável exemplo de democracia, consagrada no exercício do livre direito de expressão. Mais recentemente, os protestos contra o aumento das tarifas do transporte público voltaram a fechar o trânsito e transformar num inferno a ida e volta de milhões de trabalhadores.

É salutar a volta dos jovens às ruas, das quais estavam ausentes desde quando, com as caras pintadas de verde e amarelo, coloriram a enorme onda de protestos que varreu o País na década de 1990. Pois a juventude é a fase da contestação, das rebeldias, dos questionamentos a valores e comportamentos vigentes. É daí que nasce parte dos avanços e das mudanças da sociedade (nem sempre, mas quase sempre para um futuro melhor). Portanto, nada contra e tudo a favor da livre expressão dos jovens. Até porque, para os todos aqueles preocupados com a construção de um futuro mais justo, é importante saber e entender o que as novas gerações pensam e aspiram, já que serão elas as herdeiras do mundo que está sendo moldado hoje.

Entretanto, nas sociedades abertas há um aspecto que torna esse processo também desejável: ele deve valer como um aprendizado para a prática da democracia no estado de direito, marcada pela convivência pacífica dos diferentes, pela discussão aberta dos contraditórios, pela busca dos consensos, pelo respeito à diversidade, inclusive a que envolve opiniões e ideologias. Deve valer também como exercício para a avaliação de bandeiras de reivindicação e das consequências de forçar decisões que serão equivocadas quando, para beneficiar minorias mais privilegiadas, terão necessariamente de onerar maiorias mais carentes e sem poder de se fazer ouvir.

Para tanto, as lideranças dos protestos devem ter a cautela de descartar que objetivos e motivações menos nobres tomem carona em suas mobilizações. Para exemplificar, recorrendo à memória mais recente dos leitores, os protestos de janeiro em São Paulo foram pretextos para ações de vandalismo e violência dos *block busters*, e para manifestação de grupelhos movidos por autodeclarada *solidariedade* – todos abrigados sob a reivindicação de congelamento das tarifas do transporte público, o que engordaria ainda mais o

total de gratuidades no transporte público. Para se ter ideia, somente a isenção concedida a todos os estudantes da capital consome 700 milhões de reais por ano – dinheiro que, segundo calcula o prefeito Fernando Haddad, daria para construir 20 Centros de Educação Unificada (CEUs) ou quatro hospitais gerais a cada doze meses. Como o governo não produz dinheiro – apenas arrecada e distribui (ou pior, imprime) –, não é difícil perceber que, para atender a determinadas demandas, muitas vezes significaria retirar recursos de outras áreas, muitas vezes de maior prioridade.

Essa reflexão traz uma nova questão. Está chegando o momento de o munícipe ir às urnas, cumprir o maior de todos os direitos/deveres do cidadão, que é o exercício do voto. Mais do que nunca, entretanto, o momento pede um voto consciente, ponderado, avaliado na ótica do bem maior para a cidade. Será preciso verificar a competência do candidato para a gestão correta de recursos escassos, para implementar boas soluções urbanas, para fechar ralos da corrupção, entre outras necessidades. Também valerá conferir seu grau de sensibilidade para com os graves problemas sociais que pululam nas cidades, em especial nas áreas de alta vulnerabilidade

social. O candidato ideal, ou o que mais se aproximar desses parâmetros, precisa ainda conhecer e amar a cidade que irá dirigir. Ou seja, não basta ser um *gerentão* e muito menos ter um perfil demagogo, farto de promessas e, depois, paupérrimo de realizações efetivas. Afinal, nenhum prefeito, na administração do dinheiro público, tem o poder de Jesus que operou o milagre da multiplicação dos pães... Mas tem, sim, o dever de fazer uma gestão capaz e honesta, buscando o melhor para os seus munícipes e, com isso, honrar os votos e a confiança dos eleitores que o escolherem.



SONHO EMPREENDEDOR

O brasileiro sempre se destacou pela criatividade. No futebol, jogadores como Pelé, Garrincha, Jairzinho, Zico, Sócrates, Romário, Ronaldo e, agora, Neymar encantaram e encantam o mundo com a inventividade em campo. Na publicidade e propaganda, o Brasil é um dos países mais referenciados, com gama enorme de prêmios internacionais na bagagem. O mesmo ocorre com os roteiros, produção e atuação em novelas de TV, repassadas para o mundo todo. Essa característica genuinamente brasileira também pode ser notada no âmbito dos negócios. Se a economia não vai bem e taxa de desemprego cresce rapidamente, o povo da terra avistada por Cabral já tem um antídoto: o empreendedorismo.

Praticamente quatro em cada dez brasileiros adultos já possuem negócio próprio ou estão envolvidos na criação de uma empresa. O dado foi divulgado neste mês pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), que patrocinou a pesquisa da Global Entrepreneurship Monitor (GEM), referente a 2015. No ano passado, a taxa de empreendedorismo no Brasil foi de 39,3%, o maior índice dos últimos 14 anos – quase o dobro do número verificado em 2002, que era de 20,9%.

28 DE FEVEREIRO DE 2016

Além dos efeitos da crise, que leva as pessoas a arriscar mais, em vez de amargar o desemprego, uma série de incentivos nos últimos anos influenciou o forte crescimento, segundo afirmou, em recente entrevista, Guilherme Afif Domingos, presidente do Sebrae. É importante lembrar que a taxa de empreendedorismo no Brasil é maior do que a dos países do BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) e até mesmo de nações como os Estados Unidos e a Alemanha.

O crescimento do empreendedorismo é, na realidade, uma tendência mundial, já que os avanços tecnológicos mudaram a face do mercado e enxugaram postos de trabalho. A tecnologia não eliminou o emprego, mas mudou a configuração e as relações entre empresa e funcionário. Um profissional moderno trabalha em qualquer lugar e em qualquer hora, se estiver ligado a um sistema de rede, o que favorece os jovens empreendedores, que dominam essa linguagem como ninguém.

Mas para empreender é preciso planejar, analisar o mercado, fazer pesquisas de opinião para não se aventurar em um campo escuro. Lidar com o risco, mas de forma calculada.

Deve-se dedicar tempo e energia para aprender como o setor escolhido funciona e quais as possibilidades de desenvolvimento e ganhos, antes de tomar a decisão de abrir um negócio próprio.

Como apenas 14% dos proprietários têm curso superior, educadores defendem que o espírito empreendedor seja estimulado já nos primeiros anos da escola, para que se desperte nos alunos o interesse para temas fundamentais nos negócios como análise de mercado, finanças, comunicação e marketing. Com isso, a alma empreendedora dos brasileiros e o sonho do negócio próprio estarão garantidos por gerações.



CONQUISTA MERECEIDA

As mulheres conquistaram definitivamente o mercado de trabalho. Em algumas profissões, que anteriormente eram dominadas pelos homens, elas já são a maioria. Nos programas de qualificação, essa tendência também é verificada. Em levantamento realizado pelo CIEE, 57% dos estudantes cadastrados na instituição, interessados em oportunidades de estágio e aprendizagem, são mulheres. As estagiárias que atuam em empresas e órgãos públicos também já são maioria no país: 63,6%. No programa Aprendiz Legal, que forma profissionalmente jovens de 14 a 24 anos, o equilíbrio é maior, mas ainda com uma pequena vantagem às mulheres, com 50,7%.

Mesmo com a maior inserção das mulheres no mundo corporativo, ainda existem diferenças relacionadas ao gênero. Pesquisas mostram que as mulheres possuem mais escolaridade que os homens, dedicam-se mais aos estudos e, como vimos, pelos dados do CIEE, estão mais propícias à capacitação por meio do estágio e da aprendizagem. Apesar disso, ainda existem diferenças salariais injustificadas entre os dois gêneros e, principalmente, ao acesso a cargos de chefia. Nesse sentido, a questão cultural e social ainda pesa mais que a questão econômica.

06 DE MARÇO DE 2016

Por muitos séculos a mulher esteve ligada à atividade doméstica, cuidando dos filhos e do marido. Depois de muita luta, conquistou seu espaço e vem, a cada ano, galgando posições de destaque no mundo corporativo e na vida política. Países como Brasil, Alemanha, Inglaterra, Chile, Argentina, Noruega, Escócia, Dinamarca, Coréia do Sul, Jamaica e Polônia têm ou já tiveram chefes de estado mulheres. A nação mais rica e influente do planeta, os Estados Unidos, está muito próxima de ter a sua primeira líder na Casa Branca, já que Hillary Clinton – esposa do ex-presidente Bill Clinton – vem liderando as pesquisas de opinião pública na corrida presidencial norte-americana.

O “sexo frágil” deu lugar a poderosas lutadoras, que trabalham, cuidam dos filhos e têm jornada dupla em casa. A submissão à figura masculina já não cabe mais na sociedade atual. Lutar contra o preconceito às mulheres, à violência e às desigualdades sociais devem fazer parte dos princípios básicos de todos os cidadãos. Nesta semana que se inicia, comemoramos o Dia Internacional da Mulher. Uma data importante para reflexão e para que possamos defender a igualdade de gêneros sem preconceitos e paternalismos.

FUGA DAS SALAS DE AULA

Um dos maiores intelectuais e pensadores romanos, Sêneca dizia, no início da era cristã, que a educação exige os maiores cuidados, pois influi sobre toda a vida. Passados dois mil anos, a frase continua atual, mas a ideologia ainda é desrespeitada. A educação vem sofrendo, nos últimos anos, cortes de recursos, em razão da crise econômica, o que compromete o futuro do país. Uma grande parcela da juventude vem se afastando de cursos superiores pela dificuldade de acompanhar as aulas – como consequência da má formação no ensino básico, ou mesmo por não ter condições de arcar com as pesadas mensalidades do ensino privado, motivados pelos crescentes índices de desemprego entre os jovens.

Segundo o Censo da Educação Superior, relativo a 2014, o número de universitários que abandonam seus cursos tem superado o total que conclui a graduação. Naquele ano, formaram-se no país um milhão de pessoas. No entanto, 1,2 milhão de alunos trancou a matrícula, incluindo estudantes dos ensinos presenciais e à distância. A situação é mais grave nas universidades particulares: as interrupções no curso representam 86% do total.

13 DE MARÇO DE 2016

Esse adiamento na qualificação da juventude traz um impacto negativo para o mercado de trabalho, que exige, cada vez mais, jovens capacitados. Com isso, sem formação adequada, eles encontram mais dificuldades para se engajarem no mundo corporativo. Os prejuízos são grandes. Tanto para os jovens e suas famílias, quanto para o desenvolvimento do país.

A tendência não é nada animadora. As faculdades privadas devem amargar pelo menos mais dois anos de queda no número de novos alunos. No ano passado, o Brasil teve 2 milhões de novas matrículas, uma redução de 12% em relação a 2014. Só no estado de São Paulo serão 207 mil estudantes a menos em 2015 e 2016, de acordo com cálculos do Sindicato das Mantenedoras de Ensino Superior este ano. A principal causa teria sido a redução do número de vagas do Fies, sistema de financiamento estudantil do governo federal.

Uma das formas de se capacitar para o mercado de trabalho com fonte de renda, que auxilia no pagamento das mensalidades escolares, é o estágio (para quem está cursando ensino médio, técnico

ou superior e tem 16 anos ou mais) ou a aprendizagem (para quem possui entre 14 a 24 anos, cursando os ensinos fundamental, médio ou concluído o ensino médio). O CIEE, que há 52 anos tem como principal objetivo qualificar e inserir jovens no mercado de trabalho por meio da capacitação prática, está aberto para os jovens que queiram se especializar sob a égide desses programas. Assim, eles garantem uma melhor formação profissional, renda para não interromper os estudos, além da oportunidade de ser efetivado no final do contrato.



EAD GANHA ADEPTOS

A cada ano que passa, a Educação à Distância (EaD) ganha mais adeptos aumenta as estatísticas de egressos nas instituições de ensino superior. Os últimos dados do MEC mostram que metade dos calouros (49,8%) dos cursos de formação de professores – como os de licenciatura em letras, história ou matemática – entra na graduação à distância. Apesar de o crescimento do EaD verificar-se desde o início da década, é a primeira vez que existe, efetivamente, um equilíbrio de alunos das modalidades presencial e à distância.

Esse avanço rápido nos últimos anos nos cursos de licenciatura pode referir-se à entrada de um público com mais idade nos cursos superiores, que já atuam no setor básico e necessitavam da obtenção do diploma. O crescimento de alunos mais experientes foi uma tendência verificada até mesmo nos estágios administrados pelo CIEE. Atualmente 7% dos alunos em capacitação prática tem mais de 40 anos.

Os cursos à distância também são considerados estratégicos para alunos de regiões com difícil acesso para determinados

20 DE MARÇO DE 2016

cursos. E para os estudantes uma alternativa mais barata de formação superior e de economia de tempo, já que não precisam enfrentar os pesados congestionamentos das grandes cidades e podem se organizar para acompanhar as aulas em horários alternativos.

Ainda existe resistência de parte da população que desconfia da qualidade desses cursos, mas para o MEC, as universidades passam por avaliação rigorosa e os resultados mostram-se satisfatórios. O fato é que o ensino à distância representa a democratização da educação, já que os alunos de pequenos municípios poderão ter o mesmo conteúdo do que aqueles da capital, sem déficit de informações.

O CIEE já enxerga essa modernização há mais de 10 anos, quando elaborou o programa de Educação à Distância, que prevê a capacitação teórica de jovens para o mercado de trabalho, por meio de cursos gratuitos oferecidos para quem estiver cadastrado no portal CIEE. Atualmente são 47 cursos disponíveis que tratam de temas relevantes como o pacote Office, com

destaque para o Excel I e II, Atualização gramatical, Atendimento ao cliente, Matemática básica e financeira, entre muitos outros. O EaD do CIEE já tem mais de 2,7 milhões de matrículas e vem crescendo a cada ano. Em momentos de crise, torna-se um instrumento importante para o jovem que precisa se capacitar para se inserir com mais qualidade no mercado de trabalho.



O INÍCIO INDISPENSÁVEL

Diálogo. Essa pequena palavra aparece com crescente frequência no cenário da crise que paralisa o país, com efeitos danosos para a nação. Um impacto que afeta principalmente os segmentos menos favorecidos, que amargam com maior peso o desemprego, a alta inflação, a queda de qualidade dos serviços públicos, e por aí vamos. Seja qual for o desfecho da crise, o majoritário contingente de brasileiros responsáveis almeja que as pessoas – não importa o espaço que ocupem na cena nacional – se dispam de posturas radicais para se dedicarem ao indispensável diálogo, reconhecendo que esse é o único caminho para encurtar a distância para o fim da crise e a retomada do desenvolvimento.

Em entrevista a uma revista semanal, Renato Meirelles, presidente do instituto Data Popular, especializado em pesquisar e identificar as aspirações da classe C (no caso presente, cremos que vale para outras classes, em boa parte), afirmou que a grande questão que divide os brasileiros não é quem ocupa a cadeira presidencial, mas qual é o papel do Estado na vida do cidadão comum. Na prática, isso significa que a aspiração é por

26 DE MARÇO DE 2016

oportunidades melhores em saúde, educação e trabalho, somadas a menos corrupção, redução de impostos e melhora dos serviços públicos.

No desejável diálogo, é importante começar por reconhecer que os grandes problemas nacionais persistem há décadas e que – como também se repete há anos e anos – só terão soluções efetivas e sustentáveis com a adoção de políticas públicas consensuadas com a sociedade, pois o sucesso será atingido com sacrifícios. Por isso, é importante que tais planos sejam dimensionados de forma a afetar com o mínimo de impacto as populações mais pobres.

Talvez seja utópico imaginar que, da divisão provocada pela crise, nasça a predisposição para o diálogo. Mas essa é a condição indispensável para pacificar os ânimos e para legar às novas gerações aquele Brasil sonhado há tanto tempo, principalmente por aqueles que, como nós, se dedicam a assegurar um futuro melhor para os jovens.

HERANÇA MALDITA

Historicamente, os jovens sempre enfrentaram maior dificuldade para se colocar no mercado de trabalho do que os profissionais já mais experientes. Mas na crise atual esse descompasso vem aumentando de maneira preocupante, e as perspectivas para o futuro próximo são ainda mais sombrias. Enquanto, no ano passado, a taxa de desemprego geral passou de 6,5% para 9%, na faixa dos 18 aos 24 anos o salto foi de 14% para 19%. O horizonte é ainda mais negativo: previsões indicam que no final de 2017, para um desemprego geral na casa dos 13%, na faixa jovem o percentual será de 27%. Some-se a essa implosão das vagas de trabalho a estimativa – tão ou até mais preocupante – de queda de 500 mil matrículas na rede particular de ensino superior (que hoje responde por parcela substancial da ampliação do acesso à universidade). No ar, sem resposta, fica a pergunta: nesse cenário extremamente adverso, quais caminhos restarão para esses jovens?

É certo que, mais cedo ou mais tarde, a crise passará, seguida por uma gradativa volta à normalidade em vários setores da sociedade. Mas o crescente bloqueio à inclusão social e profissional das novas gerações deixará sequelas difíceis, senão impossíveis, de

12 DE ABRIL DE 2016

superar. Quando houver a inevitável retomada do crescimento, muitos desses milhões de jovens estarão condenados à desocupação, ao subemprego ou, na melhor hipótese, a vagas de baixa qualificação.

Afinal, num mercado de trabalho cada vez mais exigente e competitivo, que chances terão candidatos com baixa escolaridade, nenhuma experiência prática e qualificação deficientíssima, quando o mercado de trabalho reaquecer? Como enfrentarão a concorrência dos recém-formados ou recém-dispensados que, munidos de currículos alentados, hoje prospectam sem sucesso por vagas à altura de suas competências e, desanimados, acabam aceitando salários menores e ocupações inferiores? Vale refletir sobre essa herança maldita que a crise deixará para os jovens brasileiros.

DIFICULDADES À VISTA

A crise política e econômica que atingiu o país em praticamente todos os setores ainda parece longe de acabar. Na educação, área estratégica para o desenvolvimento, um dos campos mais afetados foi o ensino superior privado. Estimativas realizadas pela consultoria Hoper Educação mostram que as faculdades particulares vão amargar, pelo menos, dois anos de queda bruta no número de novos alunos. Será uma baixa de quase 500 mil calouros, equivalente a 20% do número de matrículas. Os maiores fatores para essa diminuição são as reduções de incentivos do governo federal – como o Prouni e o Fies –, o aumento do desemprego e a consequente queda de renda de boa parte da população.

Em 2015, segundo a consultoria, que pesquisou 30 instituições superiores, houve uma redução de 12% no número de matrículas de calouros, em relação a 2014, o que significa 284 mil estudantes a menos. A previsão é que, neste ano, a diminuição chegue a 10% em relação ao ano passado, o que representaria 207 mil calouros. Não é difícil encontrar jovens que tiveram dificuldades em conseguir os benefícios governamentais pelos programas de financiamentos estudantis. Da mesma forma, muitos, ao entrar na universidade,

17 DE ABRIL DE 2016

não conseguiram cumprir com as obrigações de pagamento e desistiram dos cursos. Em 2014, o Ministério da Educação ofereceu 750 mil vagas no Fies. No ano seguinte, foram 311 mil. E para este ano, sobraram apenas 250 mil vagas para os estudantes.

A mudança na política afetou mais os cursos de administração, engenharia, ciências contábeis e comunicação. Agora as universidades estão atraindo os alunos para cursos à distância, que devem crescer 15% neste ano. Bolsas e descontos nas mensalidades mantêm as instituições de ensino competitivas para atrair os alunos.

Com mais de 52 anos de atuação na inserção de jovens no mercado de trabalho, o CIEE entende que o estágio e a aprendizagem são dois modalidades importantes que auxiliam o estudante mais necessitado a manter-se na universidade, já que, pela capacitação prática, eles vão se qualificar em determinadas áreas e, ao mesmo tempo, receberão uma remuneração que os ajudará no pagamento das mensalidades escolares. Dessa forma, podem garantir formação para o desenvolvimento de uma carreira de sucesso.

UM DIA SEM FESTA

Pesquisas apontam que um em cada quatro brasileiros, com idade entre 15 e 64 anos, pode ser classificado como analfabeto funcional – assim definida a pessoa que, mesmo sabendo ler e escrever algo simples, não tem conhecimentos de leitura, escrita e cálculo suficientes para atender as necessidades do dia a dia, tanto na vida pessoal quanto na profissional. A propósito do Dia Mundial do Livro (domingo, 23), vale focar a atenção na deficiência generalizada no idioma português entre nós, evidente até para o mais desatento dos observadores. Mais do que palavras, alguns números são o melhor instrumento para traçar o cenário da precária qualidade da comunicação e da expressão no idioma pátrio. Todos são desalentadores: entre os brasileiros, apenas 8% dominam de fato o português; são lidos, em média, dois livros por ano; somente metade pode ser considerada leitores; na média, os estudantes leem 1,2 livros ao ano por iniciativa própria; faltam bibliotecas para atender 15 milhões de alunos.

Obviamente, não se pode creditar só à baixa taxa de leitura a enorme deficiência em leitura e escrita dos brasileiros. O problema, claro, tem origem na má qualidade do ensino, desde o básico até

20 DE ABRIL DE 2016

o superior. Mas, sem dúvida, uma maior aproximação dos livros ajudaria a diminuir essa falta de conhecimento do idioma, que se revela especialmente preocupante entre os profissionais. Com bem lembra o educador Arnaldo Niskier, membro da Academia Brasileira de Letras, muitos deles alegam que a troca de um z por um s não muda o valor de uma petição advocatícia, uma receita médica ou o relatório de um administrador. Puro engano, ele dispara, pois um texto mal escrito abala a imagem do seu autor e desqualifica o trabalho. Pior ainda, acrescento, pode prejudicar e até impedir a correta compreensão do que pretende transmitir.

Portanto, o Brasil pouco tem a comemorar, mas tem muito a refletir no Dia Mundial do Livro. E, quem sabe, essa reflexão possa gerar ações práticas que permitam aos brasileiros, daqui a alguns anos, comemorar avanços no domínio do idioma, que é a base da identidade nacional.

JOVEM TRABALHADOR

Um dos índices perversos que aumenta com a amplitude da crise econômica é o desemprego dos jovens. Até o fim do ano passado, 15% das pessoas de 14 a 24 anos estavam sem emprego no Brasil. A média mundial de 13% mostra que os números apresentados pelo Brasil são preocupantes. A tendência é que esse percentual se eleve, levando-se em conta o agravamento da recessão econômica combinado com o emaranhado político do *impeachment*.

Em meio a essas instabilidades, comemora-se neste domingo o Dia do Jovem Trabalhador, efeméride que ressalta a importância de oportunidades para a juventude no mercado de trabalho. De acordo com a Constituição, os jovens até 16 anos estão proibidos de qualquer tipo de trabalho, exceto na condição de aprendizes, para os maiores de 14 anos. Foi com o objetivo de melhorar a formação profissional dos jovens que o CIEE criou seu programa de aprendizagem e hoje, em parceria com a Fundação Roberto Marinho, o Aprendiz Legal capacita quase 80 mil estudantes por todo o país, com a prática na empresa e a formação teórica ministrada pelos instrutores do CIEE em salas de capacitação.

24 DE ABRIL DE 2016

Para comemorar essa importante data, o CIEE programou uma série de atividades nos polos de capacitação das quais os aprendizes serão protagonistas, como peças de teatro, apresentações musicais, palestras, entre outras atividades. Em São José do Rio Preto, por exemplo, foram organizadas palestras para que os jovens discutam temas atuais, como a proliferação do mosquito *Aedes aegypti*, que transmite dengue, zika e chikungunya.

Apesar do momento difícil, o Aprendiz Legal continua ampliando seus horizontes e segue como uma alternativa importante para que o jovem adquira experiência laboral e renda, podendo assim se esquivar dos índices preocupantes de desocupação. Além de dar oportunidade para o crescimento profissional às novas gerações, o programa oferece às empresas a oportunidade de cumprir as determinações da Lei da Aprendizagem (n.10.097/2000) que obriga a contratação de cota de aprendizes para as grandes e médias empresas, de acordo com o número de colaboradores.

Empresas que investem na formação de seus próprios talentos contribuem socialmente para a inserção do jovem no mercado de trabalho e colhem resultados positivos, já que a energia e as ideias novas são fundamentais para oxigenar o ambiente e torná-las cada vez mais competitivas.



ALERTAS DO VOTO JOVEM

É extremamente preocupante a queda de 55% no número de eleitores de 16 e 17 anos, medida entre as eleições municipais de 2012 e as de 2016. Ou seja, os aptos a escolher prefeitos e vereadores somavam 2,9 milhões no último pleito (2% do eleitorado e 42% da faixa etária); hoje estão reduzidos a 1,3 milhão (baixa para 0,9% e 19%, respectivamente), segundo dados do Tribunal Regional Eleitoral (TSE), em abril.

Sintomaticamente, o início da curva descendente coincide com o início das grandes manifestações, que arrastaram milhões de brasileiros às ruas. Eles foram mobilizados por uma sucessão de denúncias, crises e protestos: mensalão, Lava Jato, máfia da merenda, “petrolão”, impeachment da presidente Dilma Rousseff, graves denúncias contra deputados e senadores, etc.

Essa série de escândalos, que parece interminável, desestimula o voto dos menores de 18 anos, uma das conquistas inscritas na Constituição de 1988. Ela também confunde a cabeça dos adolescentes, numa sociedade que, de modo geral, pouco valoriza o voto, encarado mais como um dever chato ou uma moeda

26 DE ABRIL DE 2016

de barganha do que como um direito a ser exercido com ética e consciência.

Para minimizar o fenômeno, há quem alegue que a queda de eleitores mais jovens se deve ao envelhecimento da população, decorrente a melhora da expectativa de vida dos brasileiros. Entretanto, um olhar mais atento aos dados do TSE mostra um detalhe que reforça a preocupação e intensifica a urgência de se promover uma reforma política que atenda tanto os anseios dos eleitores em geral. A comparação dos percentuais dos adolescentes aptos a votar com o total da faixa etária dos 16 e 17 anos não deixa dúvida. Partindo dos 34% em 2000, atinge o pico de 51% em 2004, cai para 42% em 2012, e despencava para 18,9% em 2016. Aqui fica uma pergunta aos demais eleitores e aos políticos: está ou não hora de repensar a política brasileira, tendo como referência o desenho do País que queremos e que as novas gerações merecem?

NOVOS RUMOS PARA A EDUCAÇÃO

Desde sua fundação, há mais de meio século, o Centro de Integração Empresa-Escola – CIEE alimenta uma imensa preocupação com o ensino no Brasil. Preocupação que se entrelaça com o incansável esforço para oferecer aos estudantes a oportunidade de qualificar sua formação integral, com o fortalecimento da teoria aprendida nos bancos escolares e a imprescindível preparação prática para ingressar – e se manter – com sucesso no mundo do trabalho. Desse entrelaçamento, nasce o amplo leque de serviços gratuitos que oferece aos jovens, com destaque para os cursos presenciais e à distância elaborados por profissionais especializados e voltados para suprir falhas que persistem há longo tempo no sistema de ensino nacional como um todo, ressalvadas as exceções de praxe.

A longa convivência com alunos dos ensinos médio, técnico e superior de todo o país permitiu que o CIEE acompanhasse, numa linha de tempo ininterrupta, a lenta evolução da qualidade da educação. Ao lado de avanços, persistem sérias deficiências, como a baixa proficiência dos estudantes em matérias fundamentais, perceptíveis em repetidas avaliações nacionais e internacionais. Como não se chocar com a enxurrada de zeros nas redações do Enem,

28 DE ABRIL DE 2016

que indicam que milhares de jovens saem do ensino médio sem conseguir entender ou interpretar o que leem? Ou com a notória falta de qualificação e motivação de boa parte dos professores, em especial dos que lecionam em regiões mais pobres? Ou com as distorções dos conteúdos ensinados em sala de aula, contaminados por desvios ideológicos? Ou com a violência e a indisciplina que imperam em muitas instituições de ensino, prejudicando não só o aprendizado escolar, mas também a formação cidadã do alunado? Finalmente, para ficar em poucos exemplos, como não lamentar o abismo que existe entre o ensino público e o particular?

Nós, do CIEE, sempre tivemos presente a convicção de que a mais injusta das desigualdades é a educacional, pois embute forte teor de injustiça social, na medida em que corta possibilidade de progresso para gerações do presente e torna muito menos promissor o futuro das novas gerações. Diante desse cenário pouco animador e sem esquecer avanços – universalização das matrículas no ensino fundamental, expansão das redes de escolas técnicas e superiores, democratização do acesso às faculdades, entre outros –, cumpre aplaudir a iniciativa da Secretaria da Educação do Estado de São

Paulo de levantar as expectativas e as sugestões da sociedade para desenhar a escola que queremos.

Acreditamos que, com variações quase sempre pertinentes, os pilares do modelo com que sonhamos despontarão com forte semelhança na maioria das colaborações. Experiências bem sucedidas em outros países confirmam que, sem professores bem preparados, respeitados e adequadamente remunerados, nada vai para frente. Esse é o ponto de partida, a nosso ver, para soluções sustentáveis nessa área. Ademais, o ensino público precisa sofrer um choque de gestão. Apesar de desgastada, a expressão traduz a necessidade de aplicar com o máximo de eficiência e lisura os recursos do setor (que não são poucos); de despolitizar a indicação do trio gestor (diretor, coordenador pedagógico e supervisor); de adotar a meritocracia como estímulo aos alunos e aos professores; zelar pelas instalações físicas da escola; abrir saudáveis canais de relacionamento com os pais e as comunidades.

Esses são, a nosso ver, alguns dos principais pontos a atacar na elaboração de uma política pública da educação que priorize a

eficácia do ensino. A eles, nossa experiência de décadas aponta para outro grave aspecto, cujas consequências bem conhecemos no CIEE. Trata-se da falta de foco do ensino médio, sufocado por um currículo de 13 matérias, geralmente ministradas em aulas superficiais, desinteressantes e longe de formar jovens para conquistar espaço num mercado de trabalho competitivo, no qual a capacidade de inovar, o aprendizado contínuo e as habilidades atitudinais são decisivos. Com distorções que refletem deficiências do ciclo fundamental, o ensino médio despeja na universidade um enorme contingente de estudantes despreparados para absorver o máximo dos conhecimentos que serão fundamentais no espaço extramuros dos campi. Portanto, um ponto que gostaríamos de enfatizar ao final dessas rápidas reflexões: tanto o ensino médio quanto o superior só contribuirão efetivamente para a formação de jovens para o que resta do século XXI e para a sustentabilidade do desenvolvimento nacional se tiverem, além da qualidade do ensino, um viés voltado para a qualificação profissional dos alunos e para a construção de cidadãos éticos, produtivos e socialmente responsáveis.

TRANSIÇÃO PACÍFICA

Embora válida para qualquer época, um tópico da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) ganha relevância especial neste momento de turbulência na vida nacional. Trata-se do item que estabelece que a escola deveria ser um local de formação de cidadãos e difusão de valores da cidadania. Mas, para que se cumpra esse objetivo, é preciso restaurar o respeito e a autoridade dos professores, de forma que em suas relações com a comunidade, pais e alunos eles possam atuar como agentes da ética, da convivência pacífica entre detentores de opiniões diferentes e do respeito à diversidade. Até porque disseminar os valores cidadãos na escola é uma das contribuições mais eficazes para construção de uma nação mais justa e democrática.

Num país abalado por uma corrente contínua de denúncias de corrupção – que atingem todos os escalões, de alto a baixo –, é difícil não ceder à tentação de considerar que vivemos numa sociedade marcada por desvios e abusos de toda a ordem. Isso não é verdade, pois temos a convicção de que milhões e milhões de brasileiros são cidadãos honestos, produtivos e cumpridores de seus deveres. Convicção essa confirmada

04 DE MAIO DE 2016

pelos exemplos que se multiplicam no dia a dia e que raramente chegam ao noticiário.

Evidentemente, a tarefa de formar cidadãos não é exclusiva da escola. Ela vem de antes, dos primeiros anos de vida, com as lições e exemplos dados pela família. Quando se incutem na criança e no adolescente os princípios éticos e democráticos, esses certamente pautarão seu comportamento futuro, desde os pequenos atos até grandes momentos. Aqui estamos falando do cliente que devolve o troco que recebeu a mais ao taxista que devolve a bolsa esquecida em seu carro com milhares de dólares.

Seja qual for o desfecho da atual crise, é preciso que a sociedade, como um todo ou pelo menos na grande maioria, se dispa das discordâncias e das discórdias, e some esforços para tornar menos dolorosa transição a uma nova fase de desenvolvimento e redução das desigualdades que tanto nos envergonham.

FALÊNCIA DA EDUCAÇÃO

A educação básica no Brasil está nas mãos de dois milhões de professores, com 77% atuando na rede pública, 84,5% concentrados nas áreas urbanas e idade média de 40 anos. Esses são alguns números do levantamento que o movimento Todos Pela Educação divulgou na última segunda-feira, com base no Censo Escolar e pesquisa do IBGE. O estudo revela a magnitude do setor, mas também aponta uma grave fragilidade: apenas metade dos dois milhões de docentes possui a formação exigida pelo Plano Nacional de Educação. O que é uma das causas para o péssimo desempenho dos estudantes brasileiros em avaliações nacionais e internacionais.

As deficiências vão desde professor com bacharelado na área, mas sem licenciatura, até aquele sem qualquer graduação. As disciplinas mais críticas nas últimas séries do nível fundamental e do médio, com qualificações inadequadas atingindo mais de 60% dos pesquisados, são física, ciências, história e geografia.

O debate sobre as deficiências da educação está recheado de “causas” para essa persistente precariedade, que vão desde baixa

19 DE MAIO DE 2016

atratividade do magistério até desmotivação e perfil inadequado dos profissionais. Todas elas estão, provavelmente, corretas e vêm se agravando ao longo dos anos, num círculo pernicioso que se retroalimenta. Afinal, é consenso que, sem bons professores, não há bom aprendizado.

Nós, do CIEE, com 52 anos dedicados aos jovens, somos testemunhas de quanto a má qualidade do ensino prejudica a inclusão social e profissional dos alunos, em especial daqueles em situação de vulnerabilidade social. É essa consciência que leva o CIEE a se alinhar ao crescente número de entidades da sociedade civil organizada a insistir na urgência da transformação da educação em prioridade das prioridades nacionais, com a profunda revisão e reforma do atual modelo, que há décadas vem se revelando falido.

O FANTASMA DO DESEMPREGO

Hoje, o Brasil tem 3,8 milhões de jovens, com idades entre 18 e 25 anos, sem emprego. Essa é a tradução em número de pessoas da taxa de desemprego nessa faixa etária – total que, de acordo com a Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios (Pnad), bateu em 24,1%, percentual que foi engordado pelo crescimento de 4,7% apenas no primeiro trimestre do ano.

Essa escalada não se deve apenas ao corte de vagas, pois está inflada também pelos jovens que buscam um emprego para compensar a demissão ou a queda de renda de outros trabalhadores da família. Vale lembrar que, embora essa faixa etária tenha sempre ostentado percentuais acima da média geral de desemprego, raramente a diferença foi tão gritante: 10,9% contra os já citados 24,1%. Entre os motivos, apontados por especialistas e confirmados por nossa longa convivência com a inserção profissional dos jovens, ganham maior peso as baixas qualificação, experiência e escolaridade dos jovens.

Conter a ameaça que paira sobre os jovens de hoje, em especial os que já se encontram em situação de vulnerabilidade, é

26 DE MAIO DE 2016

responsabilidade inadiável de toda a sociedade. Afinal, sem o capital humano de qualidade todos nós podemos descartar esperança de transformar o Brasil em um país mais rico, menos desigual. Não há mágica nesse quesito: o melhor caminho é preparar os novos profissionais para embarcar o mais rapidamente possível numa nova fase de crescimento, quando o vendaval da crise passar. Para isso, o Brasil conta com o estágio e a aprendizagem, duas modalidades de reconhecido êxito na formação profissional. Para os jovens, estimulam e, assegurando uma renda, estimulam a permanência na escola. Para as empresas contratantes de estagiários e aprendizes, tal a relevância dessa verdadeira ação de responsabilidade social, a lei assegura uma série de incentivos, inclusive com a isenção de encargos trabalhistas e previdenciários. Portanto, em meio à preocupação com o presente, não devemos deixar de olhar – e nos prepararmos – para o futuro.

ESTÁGIO NOS AUTÔNOMOS

Os profissionais liberais exercem sua profissão com certa liberdade, após concluir a graduação ou curso técnico. Eles prestam serviços em sua área de atuação, podendo constituir uma empresa individual. Além disso, eles também podem estar ligados às empresas pela terceirização, contratados como prestadores de serviços, ou mesmo atuar como funcionários celetistas. Essa classe profissional é formada por médicos, advogados, dentistas, contadores, psicólogos, fisioterapeutas, arquitetos, jornalistas, nutricionistas, engenheiros, entre outras profissões.

Em época de crise, em que o desemprego atinge índices alarmantes – 24,1 % dos jovens de 14 a 24 anos estão fora do mercado de trabalho –, os profissionais liberais tem a vantagem de poder atuar em sua área de formação sem depender exclusivamente das vagas disponíveis no mercado de trabalho. Mesmo tendo de atender as exigências dos clientes, como prazos e qualidade dos serviços, podem estipular seus horários, tendo mais flexibilidade de agenda e organização.

Pela Lei do Estágio (n.º 11.788/2008), os profissionais liberais devidamente certificados em seus conselhos de classe estão aptos a contratar

05 DE JUNHO DE 2016

estagiários fornecendo capacitação prática aos futuros profissionais. Os benefícios são para os dois lados, já que o profissional poderá contar com jovens comprometidos e interessados em aprender tarefas do cotidiano da profissão, contribuindo também com conhecimentos atualizados da academia. Em contrapartida, os estagiários recebem a oportunidade de enfrentar o dia-dia da profissão, aperfeiçoando-se na prática e contando com profissionais experientes ao lado.

Essa relação de benefícios mútuos é que faz do estágio um mecanismo de sucesso na formação de jovens profissionais para as empresas e profissionais liberais de todo o Brasil. Há 52 anos, o CIEE está ao lado dos estudantes, oferecendo esse modelo de capacitação prática, que facilita a inserção deles no mercado de trabalho. Tanto o estágio quanto a aprendizagem funcionam como atalhos para quem pretende começar sua carreira com o pé-direito, com pensamento focado no sucesso profissional. A vivência com profissionais liberais também pode alimentar o gosto pelo empreendedorismo, item importante na lista de “medicamentos” para uma recuperação econômica a curto prazo.

LEGADO PARA A JUVENTUDE

Há 52 anos, o CIEE nasceu da junção de ideias de um grupo de empresários, executivos e educadores ilustres preocupados com a formação profissional dos jovens e sua inserção no mercado de trabalho. Dentre essas pessoas, que colocaram a mão na massa para criar uma instituição filantrópica de assistência social que fizesse a ponte entre a universidade e as empresas, estavam Mario Amato e José Franklin Veras Viegas, duas personalidades que muito fizeram pelos jovens brasileiros e que nos deixaram recentemente.

O empresário Mario Amato, presidente da Fiesp de 1986 a 1992, foi um dos defensores da formação da juventude. Ele dizia que, para mudar alguma coisa em um país, é necessário começar pela juventude, porque é ela que altera os hábitos e costumes. Nome de um dos auditórios do CIEE, Amato também foi homenageado, em 2008 e 2009, com um evento esportivo promovido para universitários. Morreu aos 97 anos, em 26 de maio.

O empresário Viegas personalizava a memória dos momentos iniciais do CIEE e participou ativamente das comemorações

12 DE JUNHO DE 2016

de 50 anos da casa. Ele gostava de lembrar dos objetivos adotados pela entidade: a busca pela grandeza e desenvolvimento do país, abrindo oportunidades nas empresas para a juventude. Com isso, todos ganhariam. Os empresários aumentariam sua produção com colaboradores entusiastas; os jovens teriam aumento significativo em sua renda; e o país cresceria economicamente. Morreu em 13 de maio.

Durante mais de 50 anos de percurso, o CIEE já encaminhou mais de 16 milhões de jovens para o mercado de trabalho. As ações que começaram com o estágio, hoje conta com o programa de aprendizagem, o Aprendiz Legal, fruto da parceria com a Fundação Roberto Marinho, que forma profissionalmente jovens de 14 a 24 anos por meio de aulas teóricas em nove modalidades e atuação prática nas empresas.

O legado deixado pelos fundadores continua rendendo frutos positivos para a juventude. A expansão dos serviços do CIEE ganhou nesta semana mais um capítulo, com a inauguração do Anexo ao Espaço Sociocultural CIEE, um edifício de dez

andares que possibilitará ampliar e aprimorar os serviços socioassistenciais voltados à pre-paração de jovens de São Paulo e cidades vizinhas para ingresso no mundo do trabalho. O novo prédio abrigará salas para capacitação teórica de aprendizes, oficinas presenciais, laboratórios de informática, auditório e da área educacional do CIEE, além de espaço para atendimento a estudantes. A solenidade de inauguração do Anexo contou com a presença de empresários, educadores e autoridades.



A UNIVERSIDADE E A PESQUISA

Em tempos de crise, com a mídia recheada de más notícias, é alentador trazer uma informação animadora, dessas que ajudam a melhorar a autoestima dos brasileiros, que anda em baixa. A Universidade de São Paulo (USP) manteve a primeira posição no ranking das melhores instituições da América Latina, de acordo com um dos levantamentos mais prestigiados do mundo, feito pela empresa britânica Quacquarelli Symonds. Melhor ainda, entre as *top ten*, aparecem mais três brasileiras: a Unicamp (2º lugar), a Federal do Rio de Janeiro (UFRJ em 5ª) e a Universidade de Brasília (UnB em 9º).

Entretanto, num lado menos alvissareiro, no último ranking mundial, divulgado no ano passado, a USP despencou 11 posições, caindo para 143º lugar, por causa de mudanças da metodologia. É evidente que, nessa avaliação, a competição é mais acirrada, pois inclui instituições de grande peso de várias regiões, entre as quais a Quacquarelli destaca: “Na Ásia, em particular, estamos vendo grandes investimentos em pesquisa, o que faz diferença”. No Brasil, essa área apresenta conhecidas fragilidades, pois, ao lado de expressivo número de artigos publicados, estes provocam pouco

16 DE JUNHO DE 2016

impacto no cenário global de pesquisas, com baixo número de citações em outros trabalhos. Isso se deve, entre vários motivos, ao simples fato de que muitos artigos ainda são publicados apenas em português e não em inglês, eleito o idioma comum pela comunidade científica mundial.

Colocando na balança os dados positivos e negativos apontados pelo levantamento, devemos aceitar, com humildade, a opinião da Quacquarelli de que “uma alta produção acadêmica nem sempre se traduz em pesquisa de qualidade”. E, a partir disso, insistir na valorização (investimentos e incentivos) das pesquisas puras e aplicadas, desenvolvidas pelas universidades e empresas. Afinal, elas são a base da inovação, hoje fator fundamental para o desenvolvimento das economias nacionais.

TRAJETO OBRIGATÓRIO

Em sua nova versão, a Base Nacional Curricular Comum – documento que propõe a unificação do currículo para as escolas de ensino infantil, fundamental e médio no país – está com 628 páginas. Segundo o Ministério da Educação (MEC), 12 milhões de contribuições chegaram até o órgão, o que originou no adiamento da redação final do documento de junho para novembro, ampliando assim as discussões sobre o tema. A intenção de uma proposta unificada é a redução da desigualdade educacional no país e a melhoria da qualidade de ensino.

A segunda versão do documento foi mais bem recebida pelos educadores do que a divulgada em setembro do ano passado. Isso não significa que não possa ser melhorada. Não é de hoje que precisamos de um currículo nacional unificado, com parâmetros para os professores do que deve ser ensinado, efetivamente, nas salas de aula. Para isso, é necessário que desapareça a carga ideológica das matérias. Em história, por exemplo, uma disciplina difícil de se encontrar um consenso, havia distorções claras no texto anterior que limava das aulas temas históricos clássicos como a Revolução Francesa, a Revolução Industrial e a Antiguidade Clássica. No

19 DE JUNHO DE 2016

tocante à língua portuguesa, melhorou a distribuição da gramática, praticamente ausente no texto anterior, criticada abertamente por linguistas ilustres como Evanildo Bechara, Professor Emérito do CIEE e membro da Academia Brasileira de Letras (ABL).

A educação é o trajeto obrigatório para um futuro de sucesso para a nossa juventude, tão castigada, ultimamente, pelos maus resultados da economia, pelo desemprego crescente e pelos cortes de recursos orçamentários ao ensino. A educação só faz diferença quando é de boa qualidade. Por isso, é necessário que os atuais currículos abdicuem de distorções ideológicas e espelhem-se nas necessidades sociais, preparando melhor os jovens para a sua inserção ao mercado de trabalho e inclusão cidadã.

Na semana que passou, o CIEE debateu o tema, no Teatro CIEE, no seminário *A Base Nacional Curricular Comum*, realizado em conjunto com a Unesp, e contou com a participação de importantes educadores. Eles mostraram-se preocupados com o volume de disciplinas e conteúdos sofisticados, que devem dificultar a implementação, na prática, das novas diretrizes nas salas de aula.

ACOLHIDA A REFUGIADOS

As imagens em fotos, vídeos e filmes são altamente dramáticas. Mas estão longe de traduzir na íntegra a tragédia dos refugiados num mundo que, desmentindo as expectativas da geração paz e amor dos anos 1960, chega ao século 21 fortemente marcado pela violência, pela intolerância e pelo desprezo aos direitos humanos. Segundo a ONU, hoje existem 20 milhões de refugiados que cruzaram fronteiras em busca de vida melhor e até da sobrevivência. E há, ainda, 40 milhões deslocados em seus próprios países, buscando refúgio.

Para a ONU, é refugiado quem abandona seu país para fugir de perseguição por raça, religião, etnia, opinião política ou pertencimento a determinado grupo social. O Brasil, generoso na acolhida a milhões de imigrantes, também abre as portas para refugiados, obedecendo a preceito da Constituição. O salto, entre 2010 e 2015, nas solicitações de asilo de 996 para 28.670, segundo o Comitê Nacional de Refugiados, dá ideia da escalada da intolerância e da violência. Os números foram citados em nota divulgada pela Universidade Mackenzie, a propósito do Dia Mundial do Refugiado, no próximo domingo, com

23 DE JUNHO DE 2016

críticas à burocracia, essa praga nacional, que torna lento o processo de concessão de asilo.

Hoje, o Brasil conta com cerca de 8 mil refugiados de 81 países, segundo o Comitê. Porém, vale lembrar que a concessão de asilo é apenas a primeira etapa da acolhida aos refugiados, que pressupõe também apoio na adaptação aos costumes e às leis do País, no aprendizado da nova língua, na obtenção de emprego, nos cuidados com a saúde, entre outros. É aqui que, mais uma vez, se evidencia o papel fundamental das entidades do 3º Setor na solução de questões humanitárias. Como parte dessa corrente do bem, a cada semestre o CIEE oferece aulas de português especialmente elaboradas para 120 refugiados que, logo se habilitam para prestar o Enem ou disputar um emprego. Detalhe: como a maioria tem curso superior, eles estão aptos a compensar a acolhida com seu trabalho para o desenvolvimento nacional, na linha do “bem com o bem se paga”.

UM SONHO REAL

A constante crise da educação pode ser facilmente medida pelos dados estatísticos disponíveis. São 14 milhões de analfabetos (8.º país no mundo com mais iletrados); mais de 50% dos universitários são analfabetos funcionais, com dificuldade para compreender textos simples como reportagens de revistas e jornais. Em alguns estados, 90% das crianças estão fora da pré-escola; 15% dos alunos não são alfabetizados até a 4.ª série e, de 8 milhões, apenas 54% concluem o ensino médio até os 19 anos. Sem contar os números pífios alcançados pelos alunos brasileiros nos exames internacionais como o Pisa, sempre no último terço da classificação.

Com a crise econômica dos últimos anos e os prováveis cortes de recursos para a educação, poderemos descartar o desejo da melhoria na qualidade de ensino. Para fazer uma comparação, a Suíça, um dos países com maior Índice de Desenvolvimento Humanos (IDH), aplica 15 mil dólares *per capita/ano* em educação. O Brasil não chega a 2,5 mil dólares. Mesmo com aumento da arrecadação e com mais recursos voltados para a educação, o que garante que esse dinheiro chegue às escolas e seja bem empregado, haja vista a estrutura política viciada

26 DE JUNHO DE 2016

que temos acompanhado nas várias investigações da operação Lava Jato?

Com 52 anos de experiência na inserção de jovens no mercado de trabalho, o CIEE vislumbra a necessidade de uma educação de qualidade, voltada para as demandas do mundo do trabalho. Um ensino que não aponte apenas para uma boa nota no vestibular ou no Enem, mas que priorize um conjunto que direcione o jovem a temas profissionalizantes, a orientação profissional, a modelos comportamentais e corporativos sem rusgas ideológicas.

Precisamos de uma educação que incentive a formação de novos professores, para desempenhar suas funções com salários dignos e materiais didáticos modernos; que privilegie uma boa gestão dos recursos públicos; e cesse as indicações políticas para os cargos de gestores. Que os educadores assumam a obrigação de construir um novo paradigma para a educação, olhando sempre lá na frente, com vistas ao futuro do Brasil. Sonhar é o primeiro passo para tornar algo em realidade.

RACIOCÍNIO LÓGICO

Nas avaliações internacionais, como o Pisa, os estudantes brasileiros demonstram baixo desempenho principalmente nos conhecimentos matemáticos. Apenas 1,1% deles têm performance elevada na disciplina. O item que mais chama atenção é a dificuldade que os alunos têm de formular situações matemáticas, uma referência para determinadas carreiras, como engenharia ou tecnologia da informação. Esse desempenho é corroborado pelas dificuldades que os professores encontram, nas escolas de ensino básico, de estimular o estudo de aritmética, garantindo um maior interesse por parte dos alunos.

Já discutimos neste espaço a importância da matemática e das ciências em gerais para alavancar o desenvolvimento do país. Além disso, ajuda no raciocínio lógico e leva o estudante a um melhor poder de concentração. Preocupado com a formação de nossos jovens, o CIEE oferece gratuitamente, em sua página na internet (www.ciee.org.br), cursos de educação à distância que auxiliam candidatos a vagas de estágio e aprendizagem, na preparação para processos seletivos. Entre os 48 temas oferecidos, alguns estão ligados à aritmética, como *Matemática I e II*; *Matemática Financeira I e II* e *Finanças*.

3 DE JULHO DE 2016

Neste período de férias escolares de meio de ano, os cursos de EaD podem ser uma excelente oportunidade para que necessita complementar seus conhecimentos matemáticos, aumentando as chances em exames e processos seletivos. Mas os cursos não se limitam aos estudos matemáticos. Para quem procura uma vaga de estágio e aprendizagem, pode acessar também os cursos *Dinâmicas e testes*, *Currículo sem segredo*, e *Entrevista: como encarar?* Com eles, o estudante vai ganhar informações importantes que podem decidir uma vaga, como o comportamento ideal para uma entrevista ou dinâmica, os erros mais frequentes na elaboração do currículo, a postura adequada diante das indagações comuns, entre outras dicas importantes.

Para um melhor embasamento e fortalecimento do currículo, os jovens têm à disposição cursos de aperfeiçoamento em informática, uma das áreas mais exigidas como pré-requisitos atualmente. São oferecidos os cursos de *Flash*, *Access*, *Excel*, *Word*, *Power Point*, *Fundamentos de rede* e *Tratamento de imagens*. Se estiver com estágio vigente, a boa dica são os cursos de *Atenção concentrada*, *Atualização gramatical*, *Introdução a projetos*, *Postura e*

imagem profissional, Relacionamento interpessoal e Resolução de problemas – temas que ajudarão o jovem a se destacar no estágio e, conseqüentemente, abrirão as portas para uma eventual efetivação. O portal CIEE conta também com um novíssimo curso: Direitos e deveres do aprendiz, que visa conscientizar a juventude de 14 a 24 anos dos benefícios da aprendizagem na sua trajetória profissional.



CONTRA O TRABALHO INFANTIL

Em pleno século 21, o Brasil ainda vive uma situação preocupante no tocante à exploração do trabalho infantil. As estimativas da última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), de 2014, evidenciam a gravidade do problema: pelo menos 3,3 milhões de crianças e adolescentes, entre 5 e 17 anos, são explorados ilegalmente. Esses números já mostravam um crescimento de 4,5% em relação ao ano anterior da amostragem. Os dados, porém, não refletem a crise econômica que se acentuou nos últimos meses, o que pode levar à interpretação de uma situação ainda mais grave. Historicamente, em momentos de crise econômica, as famílias encontram mais dificuldades para adequar os orçamentos, o que provoca um aumento na utilização de crianças e jovens no trabalho, para a complementação de renda.

A problemática é, na verdade, uma preocupação global. Segundo dados da Organização Mundial do Trabalho (OIT), cerca de 120 milhões de crianças entre 5 e 14 anos trabalham em todo mundo. Dessas, 5 milhões vivem em condições análogas à escravidão. Uma grande parcela deixa de estudar quando entra no mercado de trabalho até os 15 anos.

17 DE JULHO DE 2016

Para interromper esse avanço cruel, o Tribunal Superior do Trabalho (TST) lançou recentemente uma campanha sobre o combate ao trabalho infantil com a exposição itinerante: *Um mundo sem trabalho infantil*, com o objetivo de conscientizar as pessoas, retratando os mais perversos usos de mão de obra infantil no mercado de trabalho. Com isso, o TST vem estimulando a aprendizagem para jovens de 14 a 24 anos, com forma de proteger os adolescentes e garantir um futuro mais digno e equilibrado.

O CIEE, com a experiência de 52 anos na inserção de jovens no mercado de trabalho, também estimula a aprendizagem como instrumento de capacitação. Por meio do Aprendiz Legal, fruto da parceria do CIEE com a Fundação Roberto Marinho, 72 mil jovens participam, atualmente, do treinamento prático e teórico em empresas, órgãos públicos e entidades por todo o Brasil. O programa é estruturado de acordo com a Lei da Aprendizagem (n.º 10.097/2000) – que determina formação profissional e pedagógica aos participantes. Com o Aprendiz Legal, a juventude está protegida da precariedade do trabalho infantil e da exposição a atividades perigosas. Além disso, desenvolvem o exercício de cidadania e ganham condições de aprender uma profissão.

JOVENS DE CABEÇA FEITA

Titular da cátedra Insper Palavra Aberta e curador do Projeto Fronteiras do Pensamento, o professor Fernando L. Schüller decidiu matar uma curiosidade: há ou não doutrinação ideológica em nossos livros didáticos? No início deste ano, comprou e analisou dez dos livros de história e sociologia mais adotados nas escolas públicas e particulares. Terminada a tarefa, que consumiu “horas nada fáceis”, chegou a um resultado desanimador para quem se preocupa a formação das novas gerações: todos os livros têm claro viés ideológico, pois não encontrou nenhuma obra pluralista ou cuidadosa ao tratar de política ou economia.

Na seara da história, os autores pendem para o mesmo lado “anti-neoliberal”, com distorções, omissões e deturpações, perceptíveis no recorte dos fatos, na seleção das imagens, na recomendação de filmes e links culturais. Isso vale também para as outras nações. Por exemplo, a Venezuela é citada como o “centro de contestação à política de globalização”. Mas nenhuma palavra sobre a crise gerada pelo chavismo, com milhares de pessoas tendo de cruzar fronteiras para comprar em países vizinhos alimentos, remédios e outros artigos básicos. Na sociologia, o quadro é ainda pior, pois

21 DE JULHO DE 2016

os autores parecem ignorar que o mundo evolui e insistem no desgastado embate capitalistas malvados versus heróis da “resistência” – visão que fazia sentido há coisa de 150 anos, mas que perde nexos na sociedade de rede do século XXI.

O artigo completo do professor Schüler está publicado na edição 129 da revista institucional **Agitação**, disponível gratuitamente no portal www.ciee.org.br. Traz exemplos detalhados da ausência, nos livros didáticos, da preocupação em dotar nossos jovens e adolescentes de conhecimentos que possibilitem desenvolver o espírito crítico, fundamental para que – desde agora e no futuro – assumam o protagonismo da sua própria história e decidam, como cidadãos esclarecidos, os rumos que desejam para o país. Neste momento em que a proposta da Base Nacional Comum Curricular traz a debate (de novo) a qualidade da educação é fundamental que todos, mas todos mesmo, se debruçem sobre o que se está fazendo com a cabeça dos nossos jovens em salas de aula.

FUGA DAS UNIVERSIDADES

Um dos grandes pilares para o desenvolvimento de um país é o investimento em educação. Nações como China, Coréia do Sul, Japão e Canadá são provas cabais de que o ensino de qualidade rende frutos lá na frente. A China, que passou no subdesenvolvimento durante muitos anos, hoje rivaliza com os Estados Unidos pela hegemonia econômica do planeta. O Japão, destruído durante a Segunda Guerra Mundial – após duas bombas atômicas que arrasaram cidades importantes como Hiroshima e Nagasaki – reconstruiu-se com a bandeira da educação. A Coréia do Sul, que no início dos anos 1980 sequer figurava entre as potências econômicas mundiais, é atualmente um celeiro de alta tecnologia como se pode notar por organizações gigantes como a Samsung e Hyundai, depois de injetar 10% do PIB na área educativa. E o Brasil, que teve avanços significativos, nos últimos anos, recua, com a força da recessão econômica.

Uma pesquisa do Instituto Data Popular mostra que a maioria dos alunos que terminou o ensino médio recentemente não pretende fazer curso superior. Apenas 37% pretendem ingressar na faculdade ainda neste ano. A pesquisa ouviu 800 estudantes da classe

24 DE JULHO DE 2016

C, com renda per capita entre R\$ 340 e R\$ 1,2 mil. Outros 10% gostariam de fazer um curso superior, mas adiaram o sonho em razão, principalmente, das restrições aos financiamentos estudantis – Fies e Prouni. Se a diminuição na procura tivesse como motivo a entrada desses jovens no ensino técnico, que tem um foco mais profissionalizante, a nação poderia até beneficiar-se, mas não foi o caso.

O país está, portanto, distanciando-se de solucionar os graves problemas da educação, pela falta de definição de prioridades. A queda de 22,4% no número de matrículas no ensino superior no último ano é um indício da necessidade dos jovens de entrar mais cedo no mercado de trabalho, deixando os estudos em segundo plano. O CIEE, entidade que há 52 anos trabalha em prol da inserção dos jovens no mercado de trabalho, alerta para que essas situações sejam revistas, para que não se vitime ainda mais nossa juventude. Para aumentar esse contingente nas salas de aula, o estágio é uma saída salutar: capacita os jovens e ainda pode financiar os estudos, por meio da bolsa-auxílio.



PROGRAMAS E SERVIÇOS OFERECIDOS GRATUITAMENTE PELO

- Programa CIEE de Estágios
- Programa Aprendiz Legal
- Processos Seletivos Especiais
- Programa CIEE de Desenvolvimento Estudantil
- Programa CIEE de Educação à Distância (EaD)
- Programa CIEE de Pessoas com Deficiência
- Programa CIEE de Alfabetização e Suplência Gratuita para Adultos
- Programa CIEE de Orientação e Informação Profissional
- Programa CIEE de Acompanhamento de Estágio
- Atendimento às Instituições de Ensino
- Programa de Orientação Jurídica à População
- Biblioteca Digital CIEE
- Fórum Permanente de Debates sobre a Realidade Brasileira
- Ciclo de Palestras sobre Recursos Humanos
- Encontros com Educadores
- Circuito Nacional de Palestras
- Encontros com Entidades do 3º Setor (filantrópicas)
- Seminário sobre Drogas nas Escolas Superiores
- Feira do Estudante – Expo CIEE



CENTRO DE INTEGRAÇÃO EMPRESA-ESCOLA
Estagiários e Aprendizés

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
(Mandato de 16/04/2015 a
15/04/2018)

PRESIDENTE

Luiz Gonzaga Bertelli

VICE-PRESIDENTES

Wálter Fanganiello Maierovitch
Antonio Jacinto Caleiro Palma
José Augusto Minarelli

CONSELHEIROS

Antonio Garbelini Junior
César Gomes de Mello
Orlando de Almeida Filho

FUNDADORES

Aloysio Gonçalves Martins
Clóvis Dutra
Geraldo Francisco Ziviani
Paulo Egydio Martins

CONSELHO CONSULTIVO

Adhemar César Ribeiro
Ana Maria Vilela Igel
Carlos Eduardo Moreira Ferreira
Élcio Aníbal de Lucca
Dom Fernando Antônio Figueiredo
Gaudêncio Torquato
Gesner de Oliveira
Gilda Figueiredo Ferraz de Andrade
Humberto Casagrande Neto
(coordenador)
Ivette Senise Ferreira
João Guilherme Sabino Ometto
José Vicente
Justino Magno Araújo

Liz Coli Cabral Nogueira
Marcos Troyjo
Maria Virgínia Cavalieri Costa
Gonçalves
Ney Prado
Norton Glabes Labes
Ozires Silva
Robert John van Dijk
Rogério Amato
Tácito Barbosa Coelho Monteiro Filho
Tallulah Kobayashi de Andrade
Carvalho
Wander Soares
Wilson João Zampieri

CONSELHO FISCAL

Titulares

Antoninho Marmo Trevisan
(coordenador)
Eduardo Augusto Rocha Pocetti
José Maria Chapina Alcazar

Suplentes

Adelmo Emerenciano
José Frugis
Sérgio Approbato Machado Júnior

PRESIDENTES EMÉRITOS

Alex Periscinoto
Antonio Jacinto Caleiro Palma
Herbert Victor Levy Filho
João Baptista Figueiredo Júnior

Júlio César Ferreira de Mesquita
Paulo Nathanael Pereira de Souza
Ruy Martins Altenfelder Silva

MEMBROS HONORÁRIOS

Angelita Habr-Gama
Antonio Candido de Mello e Souza
Antônio Delfim Netto
Antônio Hélio Guerra Vieira
Celso Lafer
Clarice Messer
Dorival Antônio Bianchi
Edevaldo Alves da Silva
Evanildo Bechara
Flávio Fava de Moraes
Geuma Campos do Nascimento
Hermann Heinemann Wever
Ives Gandra da Silva Martins
Jarbas Miguel de Albuquerque Maranhão
João Geraldo Giraldes Zocchio

João Monteiro de Barros Filho
Joaquim Pedro Villça de Souza Campos
José Feliciano de Carvalho
José Goldemberg
José Pastore
Laudo Natel
Leonardo Placucci
Luiz Augusto Garaldi de Almeida
Nelson Alves
Nelson Vieira Barreira
Paulo Nogueira Neto
Rubens Ricupero
Sebastião Misiara
Shozo Motoyama
Yvonne Capuano

MEMBRO BENEMÉRITO

Lázaro de Mello Brandão





CENTRO DE INTEGRAÇÃO EMPRESA-ESCOLA

Sede CIEE

Rua Tabapuã, 540 - Itaim Bibi - São Paulo/SP - CEP 04533-001

Espaço Sociocultural – Teatro CIEE

Rua Tabapuã, 445 - Itaim Bibi - São Paulo/SP - CEP 04533-011

Anexo do Espaço Sociocultural – Teatro CIEE

Rua Tabapuã, 469 - Itaim Bibi - São Paulo/SP - CEP 04533-011

Prédio-Escola CIEE

Rua Genebra, 65/57 - Centro - São Paulo/SP - CEP 01316-010

Prédio-Escola CIEE Bacelar

Rua Doutor Bacelar, 1080 - Vila Clementino - São Paulo/SP - CEP 04026-002

Prédio-Escola Vila Mariana

Rua Francisco Cruz - 163, Vila Mariana - São Paulo/SP - CEP 04117-090

Telefone do Estudante: (11) 3046-8211

Atendimento às Empresas: (11) 3046-8222

Atendimento às Instituições de Ensino: (11) 3040-9977

Fax: (11) 3040-9955

www.ciee.org.br





A OPORTUNIDADE DE INVESTIR NO FUTURO É AGORA.

A inclusão da juventude no mercado de trabalho é a missão principal do Centro de Integração Empresa-Escola – CIEE.

O empresariado brasileiro é um importante aliado nessa missão. O estágio não cria vínculo empregatício e trabalhista de qualquer natureza. Conte com o CIEE para o preenchimento das vagas de estágio e cumprimento das cotas de aprendizes exigidas pelo governo.

Todos os serviços do CIEE são gratuitos para os estudantes.

Sede CIEE: Rua Tabapuã, 540 - Itaim Bibi
São Paulo/SP - CEP 04533-001
Tel.: (11) 3046-8211

www.ciee.org.br

 /oficial.ciee



ESTAGIÁRIOS e APRENDIZES



CENTRO DE INTEGRAÇÃO EMPRESA-ESCOLA

Estagiários e Aprendizes

Sede: Rua Tabapuã, 540 – Itaim Bibi
São Paulo/SP – CEP: 04533-001

www.ciee.org.br

 /oficial.ciee